



CRB

Quadro programático da CRB para o triênio 2013-2016

HORIZONTE

Como discípulos de Emaús, reconhecemos que estamos numa encruzilhada da nossa história. Aconteceram coisas que não esperávamos e nos perguntamos por nossa identidade e missão.

Creemos que Jesus Ressuscitado caminha conosco, aquece o nosso coração e nos convida, por sua Palavra, a viver a radicalidade do seguimento com alegria e esperança. Levantamo-nos com entusiasmo renovado para ir às fronteiras da missão, abraçando a causa dos pobres e dos jovens, ouvindo seus gritos e compartilhando suas dores. E humildemente imploramos: Permanece conosco! (Cf. Lucas 24,13-35).

PRIORIDADES

1. Identidade e mística

Permanecer com Jesus, que caminha conosco e faz arder o coração, para reapropriar-nos do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada.

2. Missão, profecia e juventudes

Priorizar a presença missionária e a atuação profética, nas situações de fronteira (humanas, geográficas, sociais e culturais) e periferias, com ênfase na realidade das juventudes e onde a vida é mais ameaçada.

3. Intercongregacionalidade e leveza

Fortalecer a intercongregacionalidade e proporcionar a partilha de carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão.

4. Formação

Qualificar o processo formativo em todas as suas etapas e dimensões, com ênfase nas novas gerações, no cuidado e na hospitalidade, para humanizar as relações e viver intensamente a mística e a profecia.



A "felicidade infeliz"

A Vida Religiosa na
Igreja de Francisco

Obstáculos e
bloqueios no
caminho da
santidade da VRC

Ano da Vida
Consagrada
em vista de
ousadas decisões
evangélicas

Convergência

482

JUNHO
2015 • ANO L

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

DIRETORA: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
EDITOR: Irmão Lauro Daros, fms
REDATORA: Irmã Rosa Maria Martins Silva, mscs – MTb 0010693/DF

CONSELHO EDITORIAL: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitório, sj
João Edênio Valle, svd

PROJETO GRÁFICO: Manuel Rebelato Miramontes
COORDENAÇÃO DE REVISÃO: Marina Mendonça
REVISÃO: Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato
IMPRESSÃO: Gráfica de Paulinas Editora
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Anderson Augusto de Souza Pereira

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

Ano da Vida Consagrada. Mudança de época 373

Mensagem do Papa

Quaresma 2015 376

Informes

Rede Um Grito pela Vida: Carta-Compromisso 382

Scalabrini, pastor e profeta, homem de Deus e da História 386

Celebrando 100 anos de história (1915-2015)
Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade (PIMC) – Orionitas 388

A “felicidade infeliz”. Biografia histórica e autobiografia
espiritual de Camilla Battista da Varano 399

Artigos

A Vida Religiosa na Igreja de Francisco
VÍCTOR CODINA 408

Obstáculos e bloqueios no caminho da santidade
da Vida Religiosa Consagrada
WILLIAM CESAR CASTILHO PEREIRA 418

Ano da Vida Consagrada em vista de ousadas
decisões evangélicas
CECILIA TADA 430

Ano da Vida Consagrada

Mudança de época

Mais que em época de mudanças, a Igreja e a Vida Religiosa Consagrada estão em mudança de época. “Tempo de renovação para a Igreja, para as comunidades e para cada um dos fiéis”, diz-nos o Papa Francisco na Mensagem para a Quaresma de 2015. A docilidade ao Espírito nos conduz pelos caminhos da alegria e da plena renovação.

A Rede Um Grito pela Vida reuniu-se em Manaus, em março de 2015, com representantes da Panamazônia (Brasil, Peru, Colômbia, República Cooperativista da Guiana, Suriname e Venezuela), para o I Encontro Internacional da Rede da região Norte, sob o tema “O Grito pela Vida que vem da Amazônia – Não ao tráfico de Pessoas”. No evento elaborou-se uma “carta-compromisso”, onde constam reivindicações que encontram eco nas palavras do papa: “Cada um de nós se sinta comprometido a ser voz destes nossos irmãos e irmãs, humilhados na sua dignidade”.

Padre Alfredo J. Gonçalves, cs, apresenta o Bem-aventurado João Batista Scalabrini com o texto “Scalabrini pastor e profeta, homem de Deus e da História”. O autor já de início desperta a curiosidade do leitor com a pergunta: “Quem foi ele?”.

Irmã Priscila Oliveira, pimc, escreve sobre os cem anos de história da fundação das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade (PIMC) - Orionitas. Os destinatários das Orionitas são os pobres. A autora cita as palavras do fundador: “A nossa Congregação é para os pobres, ou melhor, para os pobres mais pobres e abandonados”.

Frei Miguel Kleinmans, ofm, no texto “A felicidade infeliz”, contribui para o Ano da Vida Consagrada com a biografia histórica e autobiografia espiritual de Camilla Battista da Varano. Relata as circunstâncias exteriores da vida dela e os aspectos históricos pelas intuições espirituais e místicas de Camilla Battista. Trata-se de abrir as dimensões históricas da vida dela ao horizonte da teologia espiritual.

Três artigos voltados para o Ano da Vida Consagrada são de imenso valor para que a Vida Religiosa Consagrada reflita sobre esta mudança de época.

O primeiro artigo é do Padre Víctor Codina, sj, “A Vida Religiosa na Igreja de Francisco”. O autor dá a conhecer um pequeno decálogo da nova eclesialidade de Francisco. Escreve: “Começaremos vendo as mudanças eclesiais que Francisco propõe para a grande Igreja, 7.6(e)18.5(“)20.6(, 7.6(e)ç)-8.5(-3.9(o)5.5(r d)-25.9(á a c)5.5(o-33.5(o)5.5(223)20.6(, 7.6(d)-25.9(a)-6(r 1.5(s)5(i)12.-2.5(c)-1

Mensagem do Papa

376

Quaresma 2015

“Fortalecei os vossos corações.” (Tg 5,8)

Amados irmãos e irmãs!

Tempo de renovação para a Igreja, para as comunidades e para cada um dos fiéis, a Quaresma é sobretudo um “tempo favorável” de graça (cf. 2Cor 6,2). Deus nada nos pede que antes não no-lo tenha dado: “Nós amamos, porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4,19). Ele não nos olha com indiferença; pelo contrário, tem a peito cada um de nós, conhece-nos pelo nome, cuida de nós e vai à nossa procura, quando o deixamos. Interessa-se por nós, cada um de nós; o seu amor impede-lhe de ficar indiferente perante aquilo que nos acontece. Coisa diversa se passa conosco! Quando estamos bem e comodamente instalados, esquecemo-nos certamente dos outros (isto Deus Pai nunca faz!), não nos interessam os seus problemas, nem as tribulações e injustiças que sofrem; e, assim, o nosso coração cai na indiferença: encontrando-me relativamente bem e confortável, esqueço-me dos que não estão bem! Hoje, esta atitude egoísta de indiferença atingiu uma dimensão mundial tal que podemos falar de uma globalização da indiferença. Trata-se de um mal-estar que temos obrigação, como cristãos, de enfrentar.

Quando o povo de Deus se converte ao seu amor, encontra resposta para as questões que a história continuamente nos coloca. E um dos desafios mais urgentes, sobre o qual me quero deter nesta Mensagem, é o da globalização da indiferença. Dado que a indiferença para com o próximo e para com Deus é uma tentação real também para nós, cristãos, temos necessidade de ouvir, em cada Quaresma, o brado dos profetas que levantam a voz para nos despertar.

377

A Deus não lhe é indiferente o mundo, mas ama-o até o ponto de entregar o seu Filho pela salvação de todo homem. Na encarnação, na vida terrena, na morte e ressurreição do Filho de Deus, abre-se definitivamente a porta entre Deus e o homem, entre o Céu e a terra. E a Igreja é como a mão que mantém aberta esta porta, por meio da proclamação da Palavra, da celebração dos Sacramentos, do testemunho da fé que se torna eficaz pelo amor (cf. Gl 5,6). O mundo, porém, tende a fechar-se em si mesmo e a fechar a referida porta através da qual Deus entra no mundo e o mundo nele. Sendo assim, a mão, que é a Igreja, não deve jamais surpreender-se, se se vir rejeitada, esmagada e ferida. Por isso o povo de Deus tem necessidade de renovação, para não cair na indiferença nem se fechar em si mesmo. Tendo em vista essa renovação, gostaria de vos propor três textos para a vossa meditação.

1. *“Se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros” (1Cor 12,26) – A Igreja*

Com o seu ensinamento e sobretudo com o seu testemunho, a Igreja oferece-nos o amor de Deus, que rompe esta reclusão mortal em nós mesmos que é a indiferença. Mas só se pode testemunhar algo que antes experimentamos. O cristão é aquele que permite a Deus revesti-lo da sua bondade e misericórdia, revesti-lo de Cristo para se tornar, como ele, servo de Deus e dos homens. Bem no-lo recorda a liturgia da Quinta-feira Santa com o rito do lava-pés. Pedro não queria que Jesus lhe lavasse os pés, mas depois compreendeu que Jesus não pretendia apenas exemplificar como devemos lavar os pés uns aos outros; este serviço só o pode fazer quem, primeiro, se deixou lavar os pés por Cristo. Só essa pessoa “tem parte com ele” (cf. Jo 13,8), podendo assim servir o homem. A Quaresma é um tempo propício para nos deixarmos servir por Cristo e, deste modo, tornarmos-nos como ele. Verifica-se isto quando ouvimos a Palavra de Deus e recebemos os Sacramentos, nomeadamente a Eucaristia. Nesta, tornamo-nos naquilo que recebemos: o corpo de Cristo. Neste corpo não encontra lugar a tal indiferença que, com tanta frequência, parece apoderar-se dos nossos

corações; porque quem é de Cristo pertence a um único corpo, e nele um não olha com indiferença o outro. “Assim, se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria” (1Cor 12,26). A Igreja é *communio sanctorum*, não só porque nela tomam parte os Santos, mas também porque é comunhão de coisas santas: o amor de Deus, que nos foi revelado em Cristo, e todos os seus dons; e, entre esses, há que incluir também a resposta de quantos se deixam alcançar por tal amor. Nesta comunhão dos Santos e nesta participação nas coisas santas, aquilo que cada um possui não o reserva só para si, mas tudo é para todos. E dado que estamos interligados em Deus, podemos fazer algo mesmo pelos que estão longe, por aqueles que não poderíamos jamais, com as nossas simples forças, alcançar: rezamos com eles e por eles a Deus, para que todos nos abramos à sua obra de salvação.

2. “Onde está o teu irmão?” (Gn 4,9) – *As paróquias e as comunidades*

Tudo o que se disse a propósito da Igreja universal, é necessário agora traduzi-lo na vida das paróquias e comunidades. Nestas realidades eclesiais consegue-se porventura experimentar que fazemos parte de um único corpo? Um corpo que, simultaneamente, recebe e partilha aquilo que Deus nos quer dar? Um corpo que conhece e cuida dos seus membros mais frágeis, pobres e pequeninos? Ou refugiamos-nos num amor universal pronto a comprometer-se lá longe no mundo, mas que esquece o Lázaro sentado à sua porta fechada (cf. Lc 16,19-31)? Para receber e fazer frutificar plenamente aquilo que Deus nos dá, deve-se ultrapassar as fronteiras da Igreja visível em duas direções. Em primeiro lugar, unindo-nos à Igreja do Céu na oração. Quando a Igreja terrena reza, instaura-se reciprocamente uma comunhão de serviços e bens que chega até à presença de Deus. Juntamente com os Santos, que encontraram a sua plenitude em Deus, fazemos parte daquela comunhão onde a

indiferença é vencida pelo amor. A Igreja do Céu não é triunfante, porque deixou para trás as tribulações do mundo e usufrui sozinha do gozo eterno; antes, pelo contrário, pois aos Santos é concedido já contemplar e rejubilar com o fato de terem vencido definitivamente a indiferença, a dureza de coração e o ódio, graças à morte e ressurreição de Jesus. E, enquanto esta vitória do amor não impregnar todo o mundo, os Santos caminham conosco, que ainda somos peregrinos. Convicta de que a alegria no Céu pela vitória do amor crucificado não é plena enquanto houver, na terra, um só homem que sofre e geme, escrevia Santa Teresa de Lisieux, doutora da Igreja: “Muito espero não ficar inativa no Céu; o meu desejo é continuar a trabalhar pela Igreja e pelas almas” (Carta 254, de 14 de julho de 1897).

Também nós participamos dos méritos e da alegria dos Santos, e eles tomam parte na nossa luta e no nosso desejo de paz e reconciliação. Para nós, a sua alegria pela vitória de Cristo ressuscitado é origem de força para superar tantas formas de indiferença e dureza de coração.

Em segundo lugar, cada comunidade cristã é chamada a atravessar o limiar que a põe em relação com a sociedade circundante, com os pobres e com os incrédulos. A Igreja é, por sua natureza, missionária, não fechada em si mesma, mas enviada a todos os homens. Esta missão é o paciente testemunho daquele que quer conduzir ao Pai toda a realidade e todo o homem. A missão é aquilo que o amor não pode calar. A Igreja segue Jesus Cristo pela estrada que a conduz a cada homem, até os confins da terra (cf. At 1,8). Assim podemos ver, no nosso próximo, o irmão e a irmã pelos quais Cristo morreu e ressuscitou. Tudo aquilo que recebemos, recebemo-lo também para eles. E, vice-versa, tudo o que estes irmãos possuem é um dom para a Igreja e para a humanidade inteira.

Amados irmãos e irmãs, como desejo que os lugares onde a Igreja se manifesta, particularmente as nossas paróquias e as nossas comunidades, se tornem ilhas de misericórdia no meio do mar da indiferença!

3. “Fortalecei os vossos corações” (Tg 5,8) – Cada um dos fiéis

Também como indivíduos temos a tentação da indiferença. Estamos saturados de notícias e imagens impressionantes que nos relatam o sofrimento humano, sentindo ao mesmo tempo toda a nossa incapacidade de intervir. Que fazer para não nos deixarmos absorver por esta espiral de terror e impotência? Em primeiro lugar, podemos rezar na comunhão da Igreja terrena e celeste. Não subestimemos a força da oração de muitos! A iniciativa 24 horas para o Senhor, que espero se celebre em toda a Igreja – mesmo em nível diocesano – nos dias 13 e 14 de março, pretende dar expressão a esta necessidade da oração. Em segundo lugar, podemos levar ajuda, com gestos de caridade, tanto a quem vive próximo de nós como a quem está longe, graças aos inúmeros organismos caritativos da Igreja. A Quaresma é um tempo propício para mostrar este interesse pelo outro, através de um sinal – mesmo pequeno, mas concreto – da nossa participação na humanidade que temos em comum. E, em terceiro lugar, o sofrimento do próximo constitui um apelo à conversão, porque a necessidade do irmão recorda-me a fragilidade da minha vida, a minha dependência de Deus e dos irmãos.

Se humildemente pedirmos a graça de Deus e aceitarmos os limites das nossas possibilidades, então confiaremos nas possibilidades infinitas que tem de reserva o amor de Deus. E poderemos resistir à tentação diabólica que nos leva a crer que podemos salvar-nos e salvar o mundo sozinhos. Para superar a indiferença e as nossas pretensões de onipotência, gostaria de pedir a todos para viverem este tempo de Quaresma como um percurso de formação do coração, a que nos convidava Bento XVI (Carta enc. *Deus caritas est*, 31). Ter um coração misericordioso não significa ter um coração débil. Quem quer ser misericordioso precisa de um coração forte, firme, fechado ao tentador, mas aberto a Deus; um coração que se deixe impregnar pelo Espírito e levar pelos caminhos do amor que conduzem aos irmãos e irmãs; no fundo, um coração pobre, isto é, que conhece as suas limitações e se gasta pelo outro. Por isso, amados irmãos e irmãs,

nesta Quaresma desejo rezar convosco a Cristo: “*Fac cor nostrum secundum cor tuum* – Fazei o nosso coração semelhante ao vosso” (Súplica das Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus). Teremos, assim, um coração forte e misericordioso, vigilante e generoso, que não se deixa fechar em si mesmo nem cai na vertigem da globalização da indiferença.

Com esses votos, asseguro a minha oração a cada crente e comunidade eclesial para que percorram, frutuosamente, o itinerário quaresmal, enquanto, por minha vez, vos peço que rezeis por mim. Que o Senhor vos abençoe e Nossa Senhora vos guarde!*

Rede Um Grito pela Vida

Carta-Compromisso

IR. EURIDES ALVES DE OLIVEIRA, ICM*

CRB Regionais Amazonas/Roraima/Rondônia/Acre/Pará/Amapá

Reunidos(as) em Manaus, de 4 a 8 de março de 2015, representantes institucionais da Panamazônia (Brasil, Peru, Colômbia, República Cooperativista da Guiana, Suriname e Venezuela) no I Encontro Internacional da Rede Um Grito pela Vida da região Norte, refletimos sobre o tema: “O Grito pela Vida que vem da Amazônia – Não ao tráfico de Pessoas”.

A Rede Um Grito pela Vida, na região amazônica brasileira, vem assumindo desde 2010, em parceria com entidades da sociedade civil, organismos eclesiais e governamentais, o enfrentamento ao tráfico de pessoas através de ações de prevenção, sensibilização e controle social. Realiza atividades conjuntas e participa ativamente em diversos espaços de construção de políticas públicas e estratégias de enfrentamento ao tráfico de pessoas.

Analisando a realidade do tráfico de pessoas na região e a Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, constatamos e denunciamos:

1. A existência das diversas modalidades do tráfico de pessoas para exploração sexual comercial, trabalho escravo, servidão doméstica, casamento servil, remoção de órgãos, adoções irregulares, migração forçada, dentre outras.
2. As várias experiências de prevenção, assistência e incidência política apontam a gravidade e abrangência desta realidade, que é uma das mais perversas formas de violação dos direitos humanos na atualidade.

* Ir. Eurides Alves de Oliveira, icm, é coordenadora da Rede Um Grito pela Vida. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí, mestranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, especialista em Gestão Social pela Unisinos (São Leopoldo, RS). Membro da Coordenação do Grupo de Trabalho de Enfrentamento ao Tráfico Humano da CNBB.

3. A ausência e/ou ineficiência de políticas públicas de enfrentamento ao tráfico de pessoas na maioria dos Estados e municípios da região.
4. O despreparo e inoperância de equipes técnicas de diversas instituições governamentais no atendimento às pessoas em situação de tráfico.
5. A não efetivação dos serviços e instrumentos legais previstos no II Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas na região.
6. A impunidade diante das denúncias envolvendo representantes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e de empresários, em casos de aliciamento, exploração e tráfico de pessoas na região.
7. O impacto sociocultural dos megaprojetos na incidência das violações de direitos e aumento do tráfico de pessoas.
8. Existe uma discrepância entre os dados oficiais e a realidade local no tangente à institucionalização e efetivação do Núcleo Estadual de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, à instalação e inoperância da maioria dos Postos de Atendimento Humanizado ao Migrante na região.
9. A subnotificação dos registros oficiais dos casos de tráfico de pessoas em suas diversas modalidades.

Reivindicamos:

- 1) A garantia de elaboração, implementação e execução da Política e do Plano Estadual de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas em todos os estados da região Norte do Brasil, com ampla participação da sociedade civil.
- 2) A ampliação do diálogo entre os países de fronteira acerca dos fluxos migratórios, favorecendo uma intervenção de políticas públicas de integração e atendimento humanizado aos migrantes.
- 3) A definição de acordos bilaterais com os países fronteiriços, discutidos e elaborados a partir da realidade vivenciada pelas bases locais atuantes no enfrentamento.
- 4) Promover políticas públicas para os principais grupos em situação de vulnerabilidade diante do tráfico e da

- exploração sexual e laboral: mulheres indígenas, quilombolas e ribeirinhas, crianças e adolescentes, LGBTT.
- 5) A inserção, nas diretrizes curriculares da educação de nível fundamental, médio e superior, das temáticas sobre Direitos Humanos, Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas e Relações de Gênero na formação de todos os atores da educação, conforme prescreve o II PNETP.
 - 6) A inclusão de ações acerca da temática do tráfico de pessoas nos planos decenais dos Direitos da Criança e do Adolescente.
 - 7) A produção e realização de campanhas de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas focadas na região amazônica.
 - 8) A inserção no Plano Plurianual 2016-2019 do fomento de projetos e programas de enfrentamento do tráfico de pessoas, realizados por organizações governamentais, eclesiais e da sociedade civil com experiência comprovada.
 - 9) O acompanhamento e aprovação do Projeto de Lei n. 7.073/2014 considerando as sugestões elaboradas durante o encontro internacional de formação “O Grito pela Vida que vem da Amazônia – Não ao tráfico de Pessoas”.
 - 10) O monitoramento e a fiscalização dos equipamentos e serviços já existentes para o enfrentamento ao tráfico de pessoas: Núcleos Estaduais de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (NETP), Postos Avançados de Atendimento Humanizado ao Migrante (PAAHM) e Comitês Estaduais de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas.
 - 11) A formação e capacitação dos profissionais dos órgãos competentes para receber e encaminhar as denúncias sobre o tráfico de pessoas.
 - 12) A criação de um sistema de informação de bancos de dados para ser utilizado nos NETP e nos PAAHM.

As reivindicações aqui apresentadas encontram eco na declaração do Papa Francisco durante a oração do *Angelus* do

dia 8 de fevereiro de 2015, na qual exorta a todos(as) a lutar incansavelmente contra o tráfico de pessoas:

Encorajo quantos estão comprometidos a ajudar homens, mulheres e crianças escravizados, explorados, abusados como instrumentos de trabalho ou de prazer e muitas vezes torturados e mutilados. Faço votos para que todos os que têm responsabilidades de governo se comprometam com determinação a remover as causas desta chaga vergonhosa, uma chaga indigna da sociedade civil. Cada um de nós se sinta comprometido a ser voz destes nossos irmãos e irmãs, humilhados na sua dignidade (www.vatican.va).

Scalabrini, pastor e profeta, homem de Deus e da História

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS*

No dia 1º de junho celebramos o aniversário de morte do Bem-aventurado João Batista Scalabrini, bispo de Piacenza. Quem foi ele? Em primeiro lugar, um *pastor original*. Manteve uma profunda solicitude evangélica no interior da própria diocese através de intensas visitas pastorais e, ao mesmo tempo, soube estender seus esforços à Igreja na sua totalidade. Mas sua preocupação vai além da diocese e da Igreja, abarcando também a sociedade no contexto turbulento da Revolução Industrial. Como consequência, soube também alargar o olhar para aqueles que, no final do século XIX e início do século XX, perdem suas terras e, sem raiz, sem pátria e, às vezes, sem família, cruzam as estradas, as ferrovias e os mares em busca de um lugar ao sol. Seu coração de pastor estava em sintonia com esses milhões de expatriados, sentindo a necessidade de levar-lhes “o sorriso da pátria e o conforto da fé”. Daí ser denominado “pai e apóstolo dos migrantes”.

Mas o Fundador dos missionários e missionárias de São Carlos, bem como de várias obras no campo da mobilidade humana, foi igualmente um *profeta original*. Como poucos homens de sua época, revelou-se capaz de uma leitura profunda dos “sinais dos tempos”. O século XIX sofreu um verdadeiro terremoto, sendo sacudido em seus alicerces por uma série de revoluções que há tempo vinham amadurecendo. Tempos revolucionados tanto do ponto de vista socioeconômico e político-cultural quanto dos pontos de vista filosófico e científico. Disso resulta que “*a fenomini nuovi, organismi nuovi*”, como dizia o próprio Scalabrini. Diante

* Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs, nasceu em Portugal, Ilha da Madeira, e vive há mais de quarenta anos no Brasil. Trabalhou em favelas, cortiços, periferias, com migrantes temporários no Nordeste e com a Pastoral dos Imigrantes na região das três fronteiras (Paraguai, Brasil e Argentina). Foi diretor de Estudos Migratórios, em São Paulo, e, durante cinco anos, assessor do Setor Pastoral Social da CNBB. Atualmente, é vigário-geral da sua Congregação, em Roma.

das mudanças e dos desafios do mundo moderno, tornava-se necessário um “*aggiornamento*” por parte da Igreja e de sua missão evangelizadora. Juntamente com outros “santos sociais” seus contemporâneos, não será exagero afirmar que o bispo de Piacenza foi um remoto mas verdadeiro precursor do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Por tudo isso, cumpre concluir que Scalabrini foi ainda um *original homem de Deus e da História*. Aqui não se trata de dois aspectos justapostos como água e azeite, e sim de uma atitude integrada em dupla dimensão. De fato, ao encontrar-se com Deus no percurso de uma espiritualidade profunda e profundamente eucarística, o pastor/profeta via-se lançado na tarefa de transformar a sociedade e o mundo, tão flagrantemente em contraste com o projeto de Deus. E inversamente, no empenho de ler o pergaminho da história, ao mesmo tempo tão complexo e tão necessitado de urgentes alternativas, sentia a necessidade de reencontrar-se em intimidade com Deus. É esse, de resto, o verdadeiro segredo da oração, meditação, contemplação: da mesma forma que o encontro com Deus nos devolve aos embates e combates do dia a dia, os desafios do cotidiano nos reconduzem novamente a Deus. Trata-se de um movimento dinâmico, dialético, onde a face do Pai e a face da História se iluminam reciprocamente num processo que cresce em espiral, envolvendo toda a existência humana.

Scalabrini, pastor e profeta, homem de Deus e da História, sabia conectar em sua alma e em sua existência, simultaneamente, as luzes do céu e as esperanças da terra. Na intimidade com Deus e com os migrantes, tinha consciência de que, por mais escuros e tortuosos que sejam os caminhos deste labirinto que é a História, na travessia é sempre possível acender uma pequena chama, por menor que seja, reflexo e antecipação da luz eterna e sem ocaso do Reino definitivo.

Celebrando 100 anos de história (1915-2015)

Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade (PIMC) – Orionitas

IR. PRISCILA OLIVEIRA, PIMC*

Breve síntese histórica da fundação das Orionitas

Um sonho com a Virgem Mãe do Manto Azul ilumina a intuição do jovem Orione a querer uma fundação de religiosas, e o encontro com uma monja cisterciense de Viterbo, Benedita Frey, foi decisivo para perseguir essa concretização. Aos vinte e nove de junho de mil novecentos e quinze, na cidade de Pontecurone, ao norte da Itália, uma nova semente de Vida Religiosa Consagrada era lançada num espaço do jardim eclesial com a intenção de florir e frutificar na diaconia da caridade aos mais pobres e abandonados. Eram as Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade (PIMC) ou Orionitas, ramo feminino da Pequena Obra da Divina Providência, obra fundada por São Luís Orione, constituída de diversos ramos: Filhos da Divina Providência (Irmãos e Eremitas), Instituto Secular Orionita (ISO), Movimento Laical Orionita (MLO).

Luís Orione intencionava a presença feminina na Obra por ele fundada e com elas sonhou sob o manto azul da Mãe, vendo-as como uma expressão da maternidade de Cristo na missão apostólica da Igreja. A fundação das PIMC aconteceu quase que de improviso, não obstante o grande desejo que o fundador alimentava na idealização de suas famílias religiosas. João Luís Orione convocou três pessoas para iniciar o ramo feminino: Josefina, uma jovem condessa; Catarina, em idade adulta; e Miguel Volpino, irmão de Catarina, que já era religioso orionita. Para acompanhar o grupo nascente, o fundador pediu ao seu colaborador, Padre

* Ir. Priscila Oliveira pertence à Congregação das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade (PIMC). É provincial das Irmãs Orionitas no Brasil e Cabo Verde. É licenciada em Pedagogia, com habilitação em Administração Escolar e Orientação Educacional. Tem formação em Psicanálise e pós-graduação em Catequese.

Sterpi, para ocupar-se da preparação do ambiente, celebração da Eucaristia e partida no dia seguinte, 30 de junho, para Ameno, norte da Itália, com o escopo de iniciar a primeira missão apostólica, em um asilo destinado à acolhida de pessoas idosas.

Como não relembrar um início tão precário, num contexto histórico marcado pela agitação da Primeira Guerra Mundial e assolado pelo sofrimento estampado no rosto dos pobres! Os desprovidos da época da fundação eram pobres semelhantes aos coetâneos de Jesus, mencionados no Evangelho, pobres e doentes nas mais diversas situações: órfãos, paralíticos, cegos, coxos, surdos e doentes contaminados pelas epidemias do momento; os leprosos, excluídos da sociedade. Orione, movido por aquela realidade de pobreza, teve compaixão e desejou concretizar a solidariedade, que não olha a quem, mas somente se existe um sofrimento ou uma dor. Esses são os destinatários de nossa missão, como ele dizia: “A nossa Congregação é para os pobres, ou melhor, para os pobres mais pobres e abandonados”.¹ Essa proposta orientada pelo fundador está fundamentada em suas palavras e em seus escritos:

A nossa Congregação é pobre e deverá permanecer sempre pobre: se mudarmos de rumo, terminaremos mal; [...]. A Congregação é para os pobres. Comemos muita polenta [...], todavia, daqueles meninos surgiram bispos, sacerdotes, engenheiros, médicos, oficiais e, graças a Deus, bons cristãos. Mesmo comendo polenta; é na pobreza [...] que se formam grandes homens.²

Olhando os primórdios de nossa história, temos muito para agradecer a Deus: gratidão incessante, pois tudo é dom de Deus, nós somos apenas instrumentos em suas mãos, instrumentos de que ele se serve para realizar a maravilhosa dádiva de seu amor misericordioso, de sua esplêndida obra artística. Tudo vem do Espírito, que suscita continuamente na Igreja novas obras de evangelização em prol da vida ameaçada, sofrida, evitada, insatisfeita, sem sentido, desamparada nas mais diversas periferias existenciais.

1 PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA. *Lettere (Cartas)*, II. Tortona, 15 ag. 1927, p. 26.

2 *Os Filhos da Divina Providência. Don Luigi Orione e la Piccola Opera della Divina Provvidenza. Documenti e testimonianze*. Tortona: Tipografia San Giuseppe, 1984. v. II, 1893-1900: p. 79 ss. Traduzido pela própria autora.

A Congregação prosseguiu, paulatinamente, dando passos na formação de um grupo de colaboradoras que, no percurso histórico, foi entrando no ritmo proposto pela Congregação dos Religiosos. Avançou na formação do noviciado canônico, na admissão à profissão dos conselhos evangélicos, alargou o espaço de sua tenda com aberturas missionárias e continua avançando na formação permanente, em sintonia com as exigências do Concílio Vaticano II e do contexto histórico atual, que solicita novo estilo de vida; enfrenta novos desafios e apelos para anunciar a mensagem evangélica em direção às novas periferias.

Ao lado das missionárias, em 1927, o fundador colocou uma comunidade de irmãs cegas, adoradoras do SS. Sacramento, a fim de personificar no Instituto a oração, mediante o espírito de adoração, ação de graças, reparação e impetração, em união com Jesus; oferecem a própria cegueira em prol do apostolado da Pequena Obra da Divina Providência, da Igreja e da humanidade.

A identidade, finalidade e missão apostólica das Orionitas

O nome, a finalidade e a missão apostólica das Orionitas estão explicitados nos artigos das Constituições, escritos pelo próprio Fundador. As irmãs foram enviadas à missão apostólica da caridade antes de qualquer formação canônica, no dia seguinte ao da fundação, o que por certo marcou profundamente a identidade e a missão específica das PIMC, com uma espiritualidade e um apostolado intimamente unido aos mais pobres. Tudo isso está especificado na redação que o Fundador procurou sintetizar no manuscrito das Constituições enviado da Argentina em 1935.³

1. O título da Congregação é Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade.
2. O fim primário e geral da Congregação é a santificação das próprias Religiosas, mediante a observância dos votos simples de pobreza, castidade, obediência e caridade, e destas Constituições.

3 *Constituições PIMC*; arts. 2 e 3. São Paulo: Loyola, 1989.

3. A missão específica, ou espírito do Fundador, é o exercício da Caridade, máxima, em consagrar a vida, principalmente, para levar os pequenos filhos do povo e os pobres mais distantes de Deus, ou os mais abandonados, ao conhecimento e ao amor de Jesus Cristo, do Seu Vigário, “o doce Cristo na Terra”, o Romano Pontífice, e da Santa Igreja, mediante o ensino da doutrina cristã e da prática das Obras evangélicas de misericórdia.

O quarto voto especial de Caridade, arma feminina de um carisma

No momento da fundação, a Igreja não permitia a emissão de um quarto voto, porém o voto de Caridade, como consta no autógrafo das Constituições, é componente fundamental à vivência do carisma na família religiosa das irmãs Orionitas, do mesmo modo como é o quarto voto de fidelidade ao papa para os Filhos da Divina Providência. Esses permaneceram na sombra até que chegasse a hora propícia da manifestação de Deus. E o momento oportuno chegou! E a hora foi o pós-Vaticano II, quando a Igreja, ao aprofundar a compreensão e valorização dos carismas, passou a acolher um quarto voto às Congregações que a pediam. O convite da Igreja para “voltar às fontes” foi o tempo decisivo para rever o documento deixado pelo fundador e compreender que ele é elemento constitutivo da espiritualidade e da missão no dinamismo do carisma Orionita. Então, os Capítulos gerais (1975/1981), após consulta, estudo e reflexão na Congregação, prescreveu-o aos membros do Instituto, com a aprovação da Sé apostólica e a integração na redação das Constituições de 1982.

O voto de caridade vem coroar o processo de explicitação do carisma. Pela emissão do voto de Caridade, as irmãs se empenham em visibilizar a ternura de Deus em tudo quanto realizam: oração, reflexão, serviço aos excluídos e aos que perderam o sentido da vida, empenhando-se pela inclusão universal, que afasta toda e qualquer discriminação.

A diaconia da caridade quer abraçar a realidade dos “pequenos”, dos “abandonados”, dos “vulneráveis” da sociedade; reproduzir o gesto de Jesus, abraçando e fazendo própria a

realidade da humanidade sofredora, em particular dos indefesos, dos frágeis na fé e no significado da vida. Essa atitude é o segredo da grandeza e eficácia do sacramento do serviço realizado por amor. Esse espírito de caridade implica a identificação com os pequenos e possibilita a transformação da realidade de sofrimento em aspecto salvífico, em Cristo. Esse serviço vai além de uma mera ação assistencial; inclui e manifesta, concomitantemente, um novo modo de viver a existência humana: ser sinal eficaz da pobreza do Filho de Deus, encarnado, na opção para viver à semelhança dos seres humanos e fecundar a atividade apostólica do Instituto mediante a caridade, a exemplo de Maria, a mãe e celeste fundadora.

A diaconia particular das PIMC é a Caridade na comunhão, como nota característica a ser recuperada em um momento histórico onde tudo é relativo e descartável – o fundador deixa evidente o que, destemidamente, distinguirá seus seguidores e seguidoras:

A nota para distinguir-nos de todas as outras Congregações, eu vos digo: é a *dinamite da caridade*. A nossa Congregação há de ser robusta e forte, tanto que, se amanhã vier a explodir uma perseguição [...], uma cruel perseguição, como a da legião tebana, a nossa Congregação deverá cair e morrer mártir.⁴

O voto de caridade é complementar ao voto de fidelidade ao papa, professado pelos Filhos da Divina Providência, duas faces da mesma medalha, pois o serviço da caridade que é organizado na Igreja concretiza-se em comunhão com o papa e seus colaboradores em comunhão com o magistério eclesial. O voto de fidelidade ao papa, por sua vez, requer pronta obediência ao sucessor de Pedro e efetivação do serviço da caridade na Igreja.

Vocação fundamental das Orionitas: mães, irmãs e servas dos pobres em Jesus Cristo

Orione, na intuição do carisma, mirou uma família feminina capaz de oferecer à Igreja o dom da maternidade espiritual; religiosas preocupadas, unicamente, com a Caridade do Senhor, para servir de mães, irmãs e servas dos pobres, como ele insistia:

4 *Boa-noite*, 2 de janeiro de 1938.

Todo abandonado encontre em vós uma irmã e uma mãe em Jesus Cristo, e enquanto curais as dores do corpo, dai às almas a luz e o conforto de Deus. Oferecei-vos todas a Deus para serdes todas do próximo, e não deixeis de instruir-vos para vos tornardes capazes de iluminar as mentes e conquistardes as almas.⁵

Essas indicações advêm mediante a missionariedade sem fronteiras das Orionitas: “Evangelizadoras do mundo com a fé e a caridade do Senhor, evangelizadoras e servas dos pobres, pequenos e abandonados, porque nos pobres servimos e confortamos a Jesus Cristo e evangelizamos”.⁶

O Papa João Paulo II, ao dirigir-se ao grupo de capitulares em 1993, discorreu um particular pensamento, que vem reforçar e atualizar a vocação fundamental das irmãs:

Queridas Irmãs, sois chamadas à santidade: eis a vossa vocação a realizar com todos os meios e energia, a exemplo do vosso Pai espiritual e guiadas pelas Constituições do Instituto. Na Santa Regra encontra-se delineado o caminho seguro a ser empreendido para serdes fiéis a Deus, para irdes ao encontro das necessidades da Igreja e servirdes aos pobres, acompanhando-os para Cristo. Aprofundai as Constituições; vivei-as e nutri-vos na mesa da Palavra de Deus e dos Sacramentos, e segui docilmente o Magistério da Igreja. O Beato Luís Orione vos sugeria caminhar “com os dois pés: humildade e caridade”; e acrescia: “sede mães e servas dos pobres [...], ide difundir a caridade e fazer holocausto de vossa vida”.⁷

A diaconia particular das PIMC é a Caridade na comunhão, nota característica a ser recuperada na cultura da pós-Modernidade, assinalada pelas características de mundialização, consumismo e descarte, que valorizam o ser humano não por aquilo que é em sua essência – imagem e semelhança de seu Criador –, mas pelo que possui e pela utilidade em produzir e consumir.

Espírito para viver a Modernidade

Luís Orione orienta suas seguidoras a apreciar a Modernidade e, ao mesmo tempo, indica-lhes o espírito com o qual operar numa sociedade imersa em amplas transformações

5 *Dom Orione às Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade*. Magna Carta do Oceano Atlântico, 18 de agosto de 1921, p. 210.

6 *Ibidem*.

7 PAPA JOÃO PAULO II. Discurso do Santo Padre ao Capítulo geral das PIMC, 24 de maio de 1993. *Atos do VIII Capítulo geral*, p. 8.

nas mais diversificadas esferas: “São novos tempos! Fora os temores e não vacilemos; vamos à sua conquista com ardente e intenso espírito apostólico, com sã e moderna inteligência; lancemo-nos às novas formas, aos novos métodos de ação religiosa e social”.⁸

Com palavras fortes e contundentes, Orione discorre sobre o que ele espera de seus seguidores para se tornarem na Igreja uma força significativa de apostolado em vista de uma nova ordem sociocultural:

Precisamos ser uma força! Uma força de apostolado, força de educação cristã, força doutrinal nas mãos da Igreja [...], ou ser uma força ou não há razão para existir. Renovar-se em tudo! Ou renovar-se e ser aquilo que devemos ser, religiosamente, ou melhor, não existir.⁹

A paixão do fundador por Deus e pelo seu povo manifesta-se, fortemente, no apelo sempre evocado ao longo de sua vida: “Almas e almas! Eis a nossa política, eis a nossa vida! Almas e almas! Eis o nosso brado, a nossa bandeira, o nosso programa, toda a nossa alma e o nosso coração”.¹⁰ Esse é o grito de quem ama e vai à luta com Cristo de “mangas arregaçadas”, em prol da salvação humana, assumida neste desígnio dirigido, especialmente, ao ramo feminino:

Nós temos como escopo os *trapos*, os miseráveis. Vocês [...] existem para zelar pelos pobres de Jesus Cristo, inebriadas deste espírito para cuidar dos pobres doentes, aqueles que não são recebidos em outros lugares: as mulheres, os idosos deprimidos, as crianças. Esta é a finalidade de vocês: Fazer tudo aquilo que é humilde na caridade do Senhor.¹¹

Com incansável zelo, Orione transmite à família feminina seu grande anelo vocacional pela renovação apostólica:

A nossa Congregação é chamada a realizar muito bem num século de egoísmo em que existe uma grande necessidade de realização do bem; numa época em que muita gente, quando vê as obras de caridade que desenvolvemos, aproxima-se! O

8 *Escritos de Dom Orione*, 62,92.

9 DOM ORIONE. *Discurso confidencial*, 14 de agosto de 1934.

10 FILHOS DA DIVINA PROVIDÊNCIA. Postulação geral. Beatificação e canonização do Servo de Deus Sac. Luís Orione. Artigo do postulador sobre as virtudes heroicas, no processo apostólico. Roma, 1963. p. 34.

11 *Escritos*, 1,90. Carta de 7 de setembro de 1927. LANZA, *Il beato*, p. 131.

mundo se converte com a caridade e a realização do bem [...]. Ó missionárias da caridade, vocês são as irmãs chamadas pelas mãos de Deus para semear a caridade.¹²

São Luís Orione já percebia a importância de uma Igreja em saída como a que o Papa Francisco está indicando à Igreja contemporânea. Ele falava de uma Igreja em saída da sacristia, “fora da sacristia”, para além de suas paredes, aberta às necessidades do povo, da diversidade de credos, de raça, de cor, das necessidades existenciais, ou seja, daqueles que perderam o sentido da vida, dos transviados, dos rebeldes à vontade de Deus, dos ávidos do poder e do ouro, dos egocêntricos, dos embriagados, dos desesperados etc.¹³ Tudo porque aspirava uma Congregação que se tornasse “um cântico e ao mesmo tempo um holocausto de fraternidade universal em Cristo. Ver e sentir Cristo no homem”.¹⁴ Estimulava os seguidores a viver a santidade transcendente em vez do ambiente simplesmente eclesial:

Devemos ser santos, mas fazer-nos tais santos que a nossa santidade não pertença somente ao culto dos fiéis, nem esteja só na Igreja, mas transcenda e lance na sociedade tanto esplendor de luz, tanta vida de amor de Deus e dos homens, que desejamos, mais que santos da Igreja, os santos do povo e da salvação social.¹⁵

O espírito da missão evangelizadora na Modernidade é concretizado pela caridade universal, preocupada com a humanidade, necessitada de recuperar o valor essencial do ser na atmosfera em que se encontra: adotar os recursos que a Modernidade lhe oferece e, ao mesmo tempo, cultivar os valores do desenvolvimento integral da pessoa e de sua dignidade, com espírito crítico, dinâmico e criativo para ver e sentir Cristo no ser humano e na sinfonia da melodia que brota da caridade profunda e altíssima.

Atualidade das PIMC

As PIMC encontram-se, hoje, em quinze países: Itália, Polônia, Ucrânia; Argentina, Uruguai, Paraguai, Brasil,

12 *Parola*, II, p. 213s. No final dos *Exercícios espirituais*, 5 de agosto de 1932. Arquivo B 13a, p. 84 e cfr., p. 6.

13 *Dom Orione às PIMC*. São Paulo: Salesianas, 1980. p. 448s.

14 *Ibidem*, p. 449.

15 Cf. *ibidem*: *Sirvamos nos homens o Filho do Homem*, p. 453.

Chile, Peru; Cabo Verde, Quênia, Madagascar, Costa do Marfim, Togo; e Filipinas.

Os sonhos e desafios das irmãs na realidade atual estão evidenciados nas decisões da Assembleia geral, realizada em Buenos Aires, em outubro de 2014. A esponsalidade Cristológica, ponto de partida e fonte do dinamismo no processo da Vida Religiosa Consagrada Orionita; isto requer, antes de tudo, um novo percurso de interioridade, com novo acesso à *fonte da água viva*, renovada adesão pessoal e esponsal a Cristo, para maior autenticidade de vida, mediante novas experiências de ternura, maternidade, misericórdia e caridade, unidas à adoção de novas dinâmicas do conhecimento de si e dos outros, de Deus e do próprio tempo histórico.

A Assembleia geral, vivida em um clima de profunda escuta à voz do Espírito e de grande fraternidade, a partir das *convergências* resultantes nas conclusões das diversas Assembleias provinciais e regionais, definiu para os próximos três anos um processo e itinerário para a família das PIMC, com o seguinte objetivo:

Ser “discípulas-missionárias” segundo o novo estilo individualizado no XI CG e nas exortações contínuas da Igreja, através do magistério do Papa Francisco, para revigorar a identidade carismática como consagradas Orionitas, num clima de especial graça que surge da celebração dos cem anos de fundação.

- Durante tal itinerário faz-se necessário um tempo que conduza todas as PIMC a um processo de purificação em nível pessoal, comunitário, de Instituto e de família Orionita, com os leigos, com o criado e com a sociedade (iniciativas concretas de perdão e reconciliação em todos os níveis, como fez João Paulo II ao início do Terceiro Milênio).
- Em total sintonia com o Papa Francisco, que nos convoca através da *Evangelii Gaudium* a renovar o valor carismático *fora da sacristia*, como “Congregação-Igreja em saída”, para que os pobres sejam, hoje e sempre, os

destinatários privilegiados do Evangelho, sobretudo os mais abandonados e os menos acompanhados.¹⁶

- Ao interno desse processo, consolidar em cada uma o ser “família” com o mesmo *DNA Orionita* que nos irmana com todos os membros da Pequena Obra da Divina Providência: Filhos da Divina Providência, Movimento Laical Orionita, Instituto Secular Orionita.

A Assembleia geral individuou significativas constantes que serão o núcleo central dos projetos de animação em todos os níveis para o triênio 2015-2017:

- 1) Renovação da *dimensão esponsal* do chamado de Deus, zelando pela vida espiritual, litúrgica e sacramental. Em particular: a celebração da Eucaristia, a *Lectio divina*, a adoração Eucarística;
- 2) Formação à *liberdade*, ao *discernimento*, à capacidade de *decidir* para desenvolver uma mentalidade “*projetual*” que garanta a continuidade da missão carismática;
- 3) *Refundação da caridade* ao interno das nossas comunidades e do apostolado (quarto voto);
- 4) *Revolução da ternura*, gestos concretos de aproximação; valorização e promoção dos dons das coirmãs e momentos para o conhecimento pessoal em comunidade;
- 5) *Retorno às fontes* carismáticas com um estudo histórico, social, espiritual, sistemático e profundo de nosso Fundador;
- 6) Habilidade à *leitura dos sinais* dos tempos para uma real e profética atuação “fora da sacristia”;
- 7) Atuação da *localização do Projeto Apostólico do Instituto (PAI)* nas nossas realidades comunitárias e apostólicas;
- 8) *Revitalização da PJV* com um projeto sistemático e concreto e investimento de novos recursos.

Viver e atuar a *espiritualidade da comunhão* no modo de pensar, de ser e de agir é a forte convocação para as Orionitas hoje, provocada pelo carisma, pela Igreja e pela sociedade, mediante a síntese e o ápice do sentido da vida, brotada da

¹⁶ *Evangelii Gaudium*, n. 48.

experiência pessoal com Cristo e em Cristo; concretizada no serviço à humanidade para a renovação dos membros em integração com a salvação universal, estabelecida no *instaurar tudo em Cristo*.

A escolha preferencial pelos empobrecidos, últimos e vulneráveis, é efetivada através da identificação com Cristo e a diaconia à pessoa concreta; a denúncia do pecado pessoal, social e estrutural; o anúncio de uma sociedade fraterna; a participação em eventos que buscam uma nova ordem mundial, na justiça e na solidariedade. Promover a “caridade social”, capaz de remover as causas da injustiça; defender as condições econômicas, políticas e culturais, com o objetivo de que as pessoas e povos sejam protagonistas do próprio destino e cidadania.

Animadas pela caridade, coração e motor da obra que as irmãs pensam, sonham, rezam, e na certeza de que é Deus quem tudo realiza, mediante a caridade que é Deus mesmo, fazendo história com os pobres e na realização do bem para que haja uma nova humanidade *instaurada e renovada em Cristo*, podemos criar respostas proféticas para servir e promover a vida e a vocação das pessoas e dos grupos humanos com os quais atuam.

Na felicidade e graça em celebrar o centenário no mesmo ano que a Igreja dedicou à Vida Consagrada Religiosa, convidamos todas as pessoas para se unirem a nós em ação de graças ao bom Deus pelo bem que conseguimos contribuir à qualificação do serviço da Igreja e da humanidade no decorrer destes cem anos de existência. Por tudo demos graças no dia vinte e nove de junho próximo e... avante com Maria! Contamos com a colaboração da Vida Consagrada Religiosa no Brasil para ajudar-nos a sermos sempre mais significativas em nossa consagração e na fidelidade missionária integrada ao Povo de Deus.

Maria Santíssima, “a discípula mais perfeita do Senhor, [...] figura de mulher livre e forte”,¹⁷ “a grande missionária”,¹⁸ exemplo para os que seguem seu filho Jesus, louve à Trindade Santa com suas filhas e interceda por nós e pela humanidade.

17 CELAM. *Documento de Aparecida*, 266.

18 *Ibidem*, 269.

A “felicidade infeliz” Biografia histórica e autobiografia espiritual de Camilla Battista da Varano

FR. MIGUEL KLEINHANS, OFM*

1. Introdução

Este texto, que resume as impressões de uma viagem de estudo a Camerino, na Itália, trata da vida de Camilla Battista da Varano (1458-1524), irmã clarissa de Vida Contemplativa, que viveu no tempo do Renascimento na Itália.¹ É a minha humilde contribuição ao Ano da Vida Consagrada, que recentemente foi proclamado pelo Papa Francisco. Contribuir para uma sábia mística na Vida Religiosa me parece ainda hoje uma tarefa bastante urgente, pois a fé dos nossos irmãos e irmãs influencia em qualquer caso a ética deles. Apliquei o método de uma comparação entre a biografia histórica e a autobiografia espiritual de Camilla Battista. A primeira relata as circunstâncias exteriores da vida e a segunda completa os aspectos históricos pelas intuições espirituais e místicas. Trata-se também de abrir as dimensões históricas da vida de Camilla ao horizonte da teologia espiritual.

A vida de Camilla Battista aconteceu no tempo do Renascimento. Ela viveu por toda vida no Estado pontifício de dimensões geográficas de outrora. Depois da queda de Constantinopla, em 1453, reiniciaram justamente na Itália novos impulsos humanísticos e filosóficos. Aqui se destacou especialmente o humanista Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494), que integrou Florença às tradições religiosas de muitas nações na fé crista. Nessa intenção ele foi provavelmente o mais importante e influente representante do humanismo cristão na Itália.

* **Frei Miguel Kleinhans**, ofm, concluiu o doutorado em Teologia espiritual em Roma. **Endereço:** Caixa Postal 120, CEP 64001-970, Teresina-PI. Tel.: (0xx) 86-3211-7576. **E-mail:** miguel.ofm@ig.com.br.

¹ Quando falo da Itália, estou consciente de que no tempo de Camilla Battista da Varano a terra, que hoje chamamos de Itália, era parte do Sacro Império Romano. Uso a expressão “Itália” apenas para adequar esta terra à linguagem de hoje.

Politicamente, o Estado pontifício tinha maior influência naquele tempo. Por um lado, ele queria controlar a influência comercial das outras potências europeias na Itália; por outro lado, queria equilibrar o poder dos condados italianos. Diante dessas tarefas se reduziu de maneira espantosa a liderança pastoral e espiritual dos papas.²

A maior parte dos anos ela viveu em Camerino, que fica na região de Marcas, cuja capital é Ancona, entre a cordilheira dos Apeninos centrais e os montes Sibilinos. A região faz fronteira com a Umbria e os Abruzos e a leste não é tão distante do mar Adriático. É uma terra de produção agropecuária, que na Idade Média conheceu também ações militares.³

Nessas condições geográficas e temporais ocorreu a vida da irmã clarissa Camilla Battista da Varano, que enriqueceu a Igreja com uma profunda mística da Paixão, que foi intencionalmente vivida e bem transmitida pelos escritos dela.

2. A biografia histórica de Camilla Battista da Varano

Camilla Battista nasceu no dia 9 de abril de 1458, como primeira filha de Giulio Cesare da Varano, duque de Camerino, e da nobre dama Cecchina di Mastro Giacomo. A educação dela, porém, foi confiada à carinhosa mãe de adoção, Giovanna Malatesta. As primeiras notícias dessa família nobre remontam aos anos 1220-1231, quando a família começa a morar na região de Marcas, em Ancona. Ainda hoje o antigo palácio universitário dá testemunho da moradia da família Varano em Camerino.⁴

Nesse ambiente senhorial transcorreu a infância de Camilla Battista, quando ela recebeu a educação humanística e religiosa daquele tempo. Conforme a vontade do pai, a influência da família deveria se expandir na Itália através de um casamento favorável de Camilla Battista. Na infância e na juventude ela aprendeu muito: a literatura clássica, a escritura humanística num estilo perfeito, música e dança, e

2 Cf. K. A. FINK, *Vom Mittelalter zur Reformation*, 629 f.

3 Cf. P. LUZI, *Camilla Battista da Varano, una spiritualità fra papa Borgia e Lutero*, p. 41.

4 Cf. CAMILLA BATTISTA DA VARANO, *Autobiografia e opere complete*, p. 10-13.

ganhou assim, aos poucos, uma soberania intelectual digna de filha de um conde.⁵

Mas a vida dela toma um rumo diferente, quando, aos dez anos, na Sexta-feira Santa de 1468, escuta a homilia da Paixão do Frade menor Domenico de Leonessa (†1497).⁶ Ele chamou o povo a fazer penitência e, seguindo a tradição devocional daquele tempo, derramar uma lágrima cada sexta-feira em memória da Paixão de Cristo. Camilla Battista levou a homilia a sério e fez promessa de derramar mesmo essa lágrima cada sexta-feira. Na sua fé infantil, ela teve medo do inferno e meditou muitas vezes a Paixão de Cristo. Assim, preparou-se aos poucos um fundamento e uma sensibilidade espiritual nela que mais tarde serviriam para apoiar a Vida Consagrada e a mística da Paixão.⁷ Na Quaresma de 1479, escutou outra homilia tocante. Dessa vez falou o Frade menor Francesco de Urbino, sobre a pureza do coração. Ele proferiu tais pensamentos na véspera da solenidade da anunciação de Maria e ligou a pureza do coração à castidade de Maria. Também essas palavras ressoaram fortemente no coração de Camilla Battista e a conduziram a profunda oração. No Sábado santo do mesmo ano ela proferiu um segundo voto, isto é, uma vida de castidade pelo Reino dos Céus. Com isso terminou o primeiro processo de maturação em sua vida.

No dia 14 de novembro de 1481, entrou, junto com a prima, para o Mosteiro das Irmãs Clarissas em Urbino. Naquele tempo, toda vida espiritual dela se ligava exclusivamente aos Frades Menores da Observância. Além disso, a reforma da Ordem Franciscana chegou, na época, à plena maturidade institucional e prestígio moral.⁸ Camilla Battista teve em Domenico de Leonessa e Pietro da Mogliano (1435-1490) excelentes orientadores espirituais. Domenico a acolhe na Ordem das Irmãs Clarissas, e a ele Camilla Battista dedicou o seu primeiro escrito espiritual, intitulado “I ricordi di Gesù”.

Além de prosseguir a sua vocação, a entrada de Camilla Battista para o Convento de Urbino tinha suas razões institucionais. Lá as irmãs viviam conforme as Constituições

5 Cf. B. GIANNINI, *Storia d'una principessa, la giovinezza della beata Camilla Battista da Varano*, p. 21.

6 Cf. *Ibidem*, p. 27-29. Domenico de Leonessa pertence a observância franciscana, como também Francesco de Urbino, Giacomo della Marca, Bernardino de Siena e Pietro de Mogliano. O convento dos frades observantes em Camerino foi San Pietro in Muralto, que se tornou para Camilla a pátria espiritual.

7 Cf. CAMILLA BATTISTA DA VARANO, *Autobiografia*, p. 17.

8 Cf. P. SELLA, *L'osservanza minoritica al tempo della beata Camilla Battista da Varano*. In: *Dal timore all'amore, l'itinerario spirituale della beata Camilla Battista da Varano*, p. 27.

9 Cf. CAMILLA BATTISTA DA VARANO, *Autobiografia*, p. 22.

10 Cf. B. GIANNINI, *La principessa velata, la vita monasteriale della beata Camilla Battista da Varano*, p. 50.

11 Cf. A. E. SCANDILLA, *Camilla Battista e l'osservanza femminile*. In: *Dal timore all'amore...*, p. 49.

12 Cf. P. MESSA, *Beata Battista da Varano: un'umanità trasfigurata da una presenza*. In: *Dal timore all'amore...*, p. 12.

13 Cf. A. E. SCANDILLA, *Camilla Battista e l'osservanza femminile*, p. 40-45. Camilla escreve aqui sem dúvida na cultura escriturística da observância feminina da Idade Média. Essa cultura de escrever criou sobretudo um vínculo forte entre a origem da Ordem dos Frades Menores, do movimento da observância no século XV e da Ordem de Santa Clara.

14 Cf. C. SERRI, *Nell'acqua e nel fuoco, l'avventura cristiana di Camilla Battista da Varano*, p. 122.

da Observância Franciscana, elaboradas por João de Capistrano (1386-1456) em 1455. Em 1483, Camilla Battista professava seus votos temporários no Convento de Urbino. No mesmo ano, seu pai, que tinha reformado o antigo Mosteiro das Irmãs Beneditinas em Camerino, chamava uma parte das irmãs clarissas de Urbino e fundava com a autoridade papal o Mosteiro das Clarissas em Camerino.⁹ Camilla Battista se mudava de Urbino para Camerino, pois o pai desejava, no fundo do coração, atenuar a vida rígida da sua filha e ligá-la mais à família através de doações generosas ao mosteiro.¹⁰ Mas a mudança das irmãs para Camerino tinha como condição inegociável que elas observassem fielmente a Regra original de Santa Clara. Assim, o pai de Camilla Battista tinha de aceitar que a influência dele fosse menos do que desejava e que as suas doações fossem reduzidas. Camilla Battista caracterizou esse tempo como uma turbulência, também pelo desconhecimento que o pai dela tinha a respeito da pobreza franciscana.¹¹ Já na hora dos votos temporários ficou claro que a vida religiosa dela fora atingida muitas vezes por condições políticas, sociais, econômicas e culturais nem sempre transparentes.¹²

Entretanto, o caminho espiritual interior dela tinha-se transformado de entusiasmo juvenil em uma verdadeira mística da Paixão. Os impulsos espirituais da infância se aprofundam agora até experiências de êxtase. Nessa fase ela começou a escrever cartas, poemas, orações de louvor, novenas e a sua biografia espiritual.¹³ Destaca-se nesse tempo a obra central de Camilla Battista, a que deu o título “*I dolori mentali di Gesu nella sua passione*”. Na obra, Camilla descreve um grande sofrimento espiritual que se assemelha ao abandono que Jesus sentiu na hora da morte. Ligado ao Cristo, é provável que o abandono sofrido por Cristo se transferiu pelo caminho místico na alma de Camilla Battista. Então ela rejeitou todo tipo de sentimentalismo e aceitou esse sofrimento interior do Cristo com toda dureza psíquica e espiritual na própria alma. Essa decisão madura a configura à teologia paulina sobre a cruz.¹⁴ Ela quis se apoiar na orientação espiritual de Pietro da Mogliano

porque precisava discernir bem nessas experiências interiores difíceis. Mas no dia 29 de julho de 1490 Pietro morre de repente sem uma conversa interior com Camilla Battista.¹⁵ A experiência interior de um Deus silencioso ela devia vencer sozinha.

Além disso, o sofrimento dela aumentou nos anos de 1501 e 1502 por fatos exteriores. Sua família caíra num jogo de intrigas malignas com o Papa Alexandre VI (1431-1503). Primeiro o papa acusou o pai de Camilla Battista de ter desviado os recursos econômicos do Estado pontifício. Em seguida, aumentou a acusação, que Giulio Cesare da Varano teria abrigado, em seu castelo, os inimigos do papa. De novo fatos políticos e econômicos influenciaram a vida de Camilla Battista. Sem meio de interferir, ela tem de aceitar que o papa excomungue-lhe o pai (1^o.03.1501), que o filho do papa, Cesare Borgia, invada Camerino com força militar (21.07.1501) e, por fim, que seu pai seja executado no Forte Pergola (9.10.1502).¹⁶

Sofrimentos exteriores e interiores formaram, então, a mística da paixão dela. Por um lado, percebe-se a alegria dela de ser unida a Cristo, mas por outro lado essa união só podia ser experimentada na dureza da cruz e no abandono total que o Cristo sentiu antes da morte. Isso é a “felicidade infeliz” de Camilla Battista da Varano. Ela morreu no dia 31 de maio de 1524, vítima da peste, aos 66 anos. O Papa Gregório XVI a beatificou no dia 7 de abril de 1843, e o Papa Bento XVI a canonizou no dia 17 de outubro de 2010.

3. A autobiografia espiritual de Camilla Battista da Varano

A segunda parte deste artigo quer completar a visão histórica pela autobiografia espiritual de Camilla Battista. Ela inicia no fim de fevereiro de 1491, quando Camilla Battista tinha 31 anos. Ela a dedica ao Frade franciscano Domenico de Leonessa.¹⁷ Aqui ela nos dá uma introspectiva da sua vida. Quero destacar especialmente quatro elementos, que valem a pena ser considerados: as pregações dos frades

15 Cf. A. E. SCANDILLA, *Camilla Battista e l'osservanza femminile*, p. 39.

16 Cf. M. BARTOLI, *La libertà da Camilla Battista da Varano*. In: *Dal timore all'amore...*, p. 50.

17 Cf. P. MARANESI, *L'infelicissima felicità dell'esperienza di Dio*. In: *Dal timore all'amore...*, p. 81.

menores, o processo da maturação pessoal, a entrada dela na Ordem das Irmãs Clarissas e alguns elementos de sua mística, que tanto quis confidenciar a Pietro da Mogliano.

As pregações dos frades menores na Igreja de San Pietro in Muralto tinham desde o início uma grande importância para a vida dela. A Sexta-feira Santa de 1468 e a homilia da Paixão de Domenico de Leonessa apontaram já na infância para o grande tema da vida de Camilla, isto é, a Paixão de Cristo. Pela força pneumática dessa homilia a Paixão de Cristo se tornou presente e real na sua alma e nunca mais vai deixar sua memória. Ela descreveu na sua autobiografia que a Paixão de Cristo não lhe parecia um fato histórico e passado, senão que acontecia contemporaneamente à homilia.¹⁸ E prossegue dizendo que de tal modo essa impressão marcou tão profundamente a sua alma infantil que ela jamais lhe saiu da memória.¹⁹ O mesmo acontece com a homilia de Francesco da Urbino, em 24 de março de 1479, sobre a pureza do coração e o amor divino a Maria. Também aqui ela achou que Deus mesmo a tocou pelas palavras do pregador. Ela descreveu a sua impressão como flechas agudas, enviadas por Deus, que lhe transpassaram o coração.²⁰ Essas expressões da autobiografia mostram que ela interpretou as palavras dos frades como revelação de Deus para a vida dela.

Em seguida, ela se referiu ao processo de maturação da própria vida. Sente este processo como uma luta interior entre suas promessas a serem cumpridas e a vida luxuosa na corte do seu pai. Ela gastou muito tempo com a literatura profana, com vestidos e jóias, e se empenhou ao mesmo tempo na luta interior consigo mesma. Os dois mundos se encontraram nela, paralelos e contraditórios, mas mesmo assim a grande transformação da vida dela já tinha iniciado.²¹ Em parte ela se mostrou farta da religião, por outra se forçou a manter as suas promessas. Pela luta interior achou palavras significativas na autobiografia. Ela descreveu por parte a sua repugnância das coisas religiosas, apontou a fadiga de manter os seus votos e comparou a oração com um caminho que a leva à batalha.²² Mais do que quatro vezes pensou em abandonar o seu caminho vocacional,

18 Cf. CAMILLA BATTISTA DA VARANO, *Autobiografia*, Cap. V, p. 106: “E pareva a me, che tali cose non fossero passate, ma stessero avessendo in quei momenti”.

19 Ibidem, *Autobiografia*, p. 107: “per quella stessa forza impressa nel mio tenero cuore di bambina in tale e siffatta forma, che mai mi uscì dal cuore e dalla memória”.

20 Ibidem, Cap. VI, p. 114: “acutte saette mandate da Dio per trafiggarmi il cuore”.

21 Cf. P. MARANESI, *L'infelicissima felicità...*, p. 88 -92.

22 Cf. CAMILLA BATTISTA DA VARANO, *Autobiografia*, Cap. IV, p. 107: “le cose religiose mi erano di tanta ripugnanza”, ou Cap. IV, p. 108: “così perseverando io per lungo tempo in questo voto con molta fatica”; ou Cap. VII, p. 118: “ogni volta che andavo all'orazione, mi pareva proprio di andare alla battaglia”.

mas venceu a si mesma com a ajuda de Deus.²³ Toda essa luta, porém, mostrou a condição psíquica sadia da princesa e também os traços característicos de força e de luta. Ela foi autoconfiante, perseverante e forte na sua idade juvenil. Lutou pelo êxodo das dependências seculares na corte até alcançar a união mística com Deus. Ela proferiu os votos, sim, mas o que isso lhe custou só se percebe através da sua autobiografia.

Nessa luta pessoal o próprio Deus interferiu em favor dela, abrindo o caminho para a Vida Consagrada Contemplativa. Confiando nos escritos dela, a experiência vocacional deve ter tido dois aspectos. Por um lado, o amor de Deus transpassou totalmente a vida dela, por outro lado, essa proximidade abundante da presença de Deus se revelou justamente com uma imensa dor interior. A maior felicidade se juntou ao mesmo tempo com uma profunda tristeza de Paixão e assim começou o próprio e paradoxal caminho místico de Camilla Battista da Varano. Ela procurou o silêncio e a solidão. Para onde vai se dirigir, então, com uma experiência mística que ultrapassou todo conhecimento deste mundo? A “felicidade infeliz” lhe abriu as portas do Convento das Clarissas em Urbino.²⁴

Camilla Battista se expressou bíblicamente e usou ao mesmo tempo a linguagem do Livro Cântico dos Cânticos e a do Livro das Lamentações. Ela achou palavras dramáticas para expressar a sua experiência mística e falou de um corpo martirizado, que se deitou suavemente num leito cheio de flores.²⁵ Ela continuou falando da sua dor interior como uma praga escondida. Sentiu a dor penetrar até os ossos, embriagada de penas e amarguras e, ao mesmo tempo, quase louca por estar fora de si.²⁶ O que começou como experiência vocacional se aprofundou sempre mais em Camilla Battista até chegar ao cume da mística da Paixão. Ela se alargou até o infinito nas suas dimensões de plenitude e sofrimento. E justamente nesse momento decisivo faleceu o seu orientador espiritual, Pietro da Mogliano. Ele não saberia mais como o amor de Deus em Camilla Battista se expressou sempre mais crescente e paradoxal junto com

23 Cf. Ibidem, p. 109: “Piu di quarto volte decisi sì e non. Infine Dio mi fece vincere e feci la mia solita devozione”.

24 Cf. P. MARANESI, *L'infelicissima felicità...*, p. 92-97.

25 Cf. CAMILLA BATTISTA DA VARANO, *Autobiografia*, Cap. VII, p. 119: “Come è di sommo refrigerio a un corpo martirizzato essere collocato in un morbidissimo letto pieno di fiori e rose, così alla mia martirizzata mente fu di sommo riposo quella decisione”.

26 Cf. Ibidem, Cap. IX, p. 124: “quella piaga nascosta... mi sento logorare le ossa per il dolore; sono ebbra per la pena e per l'amarezza del cuore e mi sento quasi impazzita fuori di me stessa”.

uma imensa dor e um grande abandono. Ele também não saberia mais nada sobre a aparição de Jesus, que abriu o seu coração a Camilla Battista e a deixou ler as palavras “Eu te amo, Camilla”.²⁷

De novo ela achou palavras acertadas e uma linguagem imaginativa. A expressão do mar, sem fim e sem fundo, que a leva, é símbolo de uma total perda de controle sobre si mesma nessa união mística com Cristo. Falou do verdadeiro e único mar amargo e envenenado, que se mostrou para todo intelecto humano e angelical insondável. Num grito pediu um fim ao Senhor da vida, porque se sentiu afogada e sem forças nesse mar sem fim e sem fundo.²⁸ O grito desesperado mostra que não conseguiu mais integrar a experiência mística e se perdeu nesse mar de amor e de amargura. O resto foi apenas um balbuciar de admiração e de susto.

Sua autobiografia mostrou muito da sua profundidade espiritual e também a grande confiança que tinha em Pietro de Mogliano. Essas coisas ia lhe confidenciar. A orientação espiritual dele deveria, então, iluminar os cumes mais altos e os abismos mais profundos da vida mística de Camilla Battista.

4. Conclusão

A autobiografia de Camilla Battista ilumina em certo sentido a sua biografia histórica. Na tentativa de descrever a sua experiência, ela reconheceu também que, finalmente, é impossível expressar o insondável mistério de Deus na linguagem humana.

Além disso, deve-se notar que as experiências místicas de Camilla Battista iniciaram com acontecimentos cotidianos. Nas homilias dos frades menores, no contato pessoal com eles, mas também na sua leitura pessoal, reconheceu aos poucos pequenos, frágeis, mas seguros, sinais da presença de Deus na própria vida. Como a planta nasce da semente, assim nasceu a sua mística desses sinais. As interpretações disso, já guiadas pela experiência mística, ela nos dá depois nos seus escritos.

Na sua homilia na hora da canonização, o Papa Bento XVI faz a mesma ligação entre história e espiritualidade. Ele explicou como Camilla Battista entrou com 23 anos de idade no Convento das Clarissas e lembrou em seguida da nova fundação em Camerino. Declarou Camilla Battista como protagonista da observância franciscana. No signi-
urg/Basel/W315(ien,)--2 75.6(.5(s -0-288.w -299226 -11968.)--2 Handb((43))uch5

A Vida Religiosa na Igreja de Francisco

VÍCTOR CODINA, SJ*

Alguns pressupostos

* **Víctor Codina** (Barcelona, 1931) é jesuíta. Licenciado em Filosofia e Letras (Barcelona) e em Teologia (Innsbruck), doutor em Teologia (Roma), foi professor de Teologia na Espanha (Barcelona), mas desde 1982 reside na Bolívia, onde ensinou Teologia na Universidade Católica Boliviana de Cochabamba e realizou trabalhos de pastoral popular, formação de leigos, CLAR etc. Atualmente, é professor emérito. Entre suas últimas publicações, destacam-se: *Una Iglesia nazarena*, Santander, 2010; *Diario de un teólogo del posconcilio*, Bogotá, 2013; e *Diosito nos acompaña siempre*, Cochabamba, 2013. Endereço do autor: Pasaje Escudano 101, Cochabamba, Bolívia. **Endereço postal:** Casilla 2175, Cochabamba, Bolívia. **E-mail:** victorcodina@nash@gmail.com.

A Vida Religiosa (VR) sempre correu o perigo de encerrar-se em si mesma, de converter-se em uma pequena seita eclesial que vive em um “*splendid isolation*” (esplêndido isolamento) à margem do resto da grande Igreja. É possível que suas mesmas origens históricas “no deserto, periferia e fronteira” tenham contribuído para este isolamento, ao que se acrescenta, muitas vezes, certo complexo de superioridade espiritual, de aristocracia no caminho da perfeição evangélica.

Em todo caso, o que é certo é que o Concílio Vaticano II integrou a VR dentro do Povo de Deus (LG II), todo ele chamado à santidade (LG V), situou a VR dentro da vida da comunidade eclesial (LG VI). Pela primeira vez um Concílio fala da VR no contexto eclesial e pela primeira vez, ao tratar da Igreja, situa dentro dela o carisma da VR.

Todavia, parece-nos oportuno situar a VR dentro da nova eclesialidade do Papa Francisco, mais do que limitar-nos a algumas de suas exortações ou frases por ocasião de encontros com Superiores religiosos ou por ocasião do Ano da Vida Consagrada. Estamos diante de uma nova conjuntura eclesial, diante de um *kairós*, diante de uma nova primavera eclesial, depois de um longo inverno eclesial.

Não se trata, pois, como em outras épocas, de a VR exercer uma função profética diante de uma Igreja necessitada de reforma, e sim de entrar em sintonia e comunhão profunda com uma Igreja que, a partir de Roma, está tentando

reformular-se evangelicamente. Trata-se de conectar com a corrente renovadora que o Papa Francisco iniciou e que está impulsionando com a força do Espírito.

Por isto começaremos vendo as mudanças eclesiais que Francisco propõe para a grande Igreja para depois aplicá-las à VR.

Um pequeno decálogo da nova eclesialidade de Francisco

Francisco não introduziu uma nova teologia ou uma nova eclesiologia na Igreja, ele promoveu um estilo novo, uma nova sensibilidade pastoral, uma volta ao Evangelho sem glosa, uma nova eclesialidade. Passou do magistério clássico ao querigma, do moralismo à mistagogia.

Busca centralizar de novo tudo em Cristo, voltar a Jesus. Aplicando-o à VR, não é que Francisco apresente uma nova teologia da VR, mas sim uma volta da VR ao Evangelho, uma exortação à sinceridade e à transparência evangélica, um retorno a Jesus e a seu seguimento.

Neste contexto apresentamos um pequeno decálogo da nova eclesialidade de Francisco para logo aplicá-lo à VR. Existe uma mudança, um trânsito, uma conversão, um antes e um depois. Ainda que alguns destes pontos se relacionem com outros e se impliquem mutuamente, nós os apresentaremos separadamente para maior clareza.

1. *Portas abertas.* De uma Igreja poderosa, distante, fria, mumificada, medrosa, reacionária, da qual o povo se afasta... a uma Igreja de portas abertas, pobre, simples, acolhedora, sincera, realista, que promove a cultura do encontro e da ternura. Os gestos do papa de não viver nos palácios apostólicos do Vaticano, de usar um carro de passeio simples para as viagens dentro de Roma, vestir sem pompa, abraçar as crianças, beijar as pessoas com necessidades especiais etc. são sinais que todo mundo, católicos e não católicos, capta logo. O novo bispo de Roma, Francisco, se reconhece pecador e pede orações; lembra que a Igreja precisa de uma

conversão e uma contínua reforma evangélica, uma reforma no estilo de Francisco de Assis.

Isto pede que a VR mude de postura e de estilo, que passe de um distanciamento e fechamento local e até mesmo “vestimental” a uma atitude de proximidade com o povo, de abertura às novas gerações e às novas culturas, de uma maior simplicidade de vida; que se sinta parte do povo e não por cima dele, nem a voz dos sem voz; deixar atrás todo traço de superioridade espiritual sobre os leigos e sobre os outros carismas dentro do Povo de Deus. Uma VR acolhedora, hospitaleira, capaz de iniciar na fé aos que buscam um Deus desconhecido, uma VR nazarena, não davídica.

2. *Cheirar a Evangelho*. De uma Igreja moralista obcecada pelo aborto, o controle de natalidade e o matrimônio homossexual... a uma Igreja que difunde o cheiro do Evangelho, que vai ao essencial, centra-se em Jesus Cristo, recupera o Evangelho, anuncia a grande boa notícia da salvação em Cristo. Jesus é o único que atrai, por isso ela quer difundir o cheiro do Evangelho de Jesus, pede aos jovens que não se envergonhem de seu ser cristão, que coloquem Jesus Cristo em sua vida. A fé em Jesus Cristo é coisa séria, não uma fé *descafeinada*. Não pode ser um cristianismo de meras devoções sem Jesus. O papa, como Pedro, não tem ouro nem prata, mas traz o mais valioso: Jesus Cristo. Ele é a única riqueza. Mas um Jesus Cristo morto e ressuscitado. Não ficar no sepulcro ou diante do túmulo, não ser cristãos de Quaresma sem Páscoa. A alegria do Evangelho enche o coração de todos os que se encontram com Jesus.

A VR, de acordo com esse recentramento no Evangelho, não pode ficar atrelada a leis, regras, costumes, tradições, cânones e normas morais, mas sim à sedução de Jesus, o Senhor, ao encontro pessoal com ele, atraída pelo Evangelho, como aconteceu com os primeiros discípulos de Jesus; como aconteceu com os fundadores e fundadoras das diversas ordens e congregações religiosas. Nada pode antepor-se a Jesus. Ele é a única riqueza que enche o coração e motiva o seguimento na VR e na Igreja, por cima de outras tarefas, instituições, obras e mesmo missões. Essa dimensão mística

da VR é irrenunciável, é a raiz de toda missão profética. As pessoas que se aproximam das comunidades e missões da VR percebem esse cheiro de Evangelho puro? Está viva na VR essa experiência fundante sem a qual todo o resto, até mesmo os votos, perde profundidade e sentido?

3. *Hospital de campanha*. De uma Igreja centrada no pecado, que fez do sacramento da confissão uma tortura e do pedido de sacramentos uma alfândega... a uma Igreja hospital de campanha, Igreja da misericórdia de Deus, da ternura, da compaixão, com entranhas maternas, que seja reflexo da misericórdia do Pai; uma Igreja que, antes de tudo, como num hospital de campanha, cure feridas de emergência, cuide da criação, onde os sacramentos são para todos, não só para os perfeitos. A convocatória do Sínodo sobre a família e os questionários sobre temas pastorais candentes como a situação dos divorciados que tornam a casar, a união dos homossexuais, as relações pré-aseanha, cl352n(r)21.5(, a u)-20((t)-4(o d)-25.9(a c)5.5

asiáticos, muitos dos quais morrem na tentativa de chegar às costas europeias. Francisco condena as armas químicas e, diante das crianças mortas na Síria, lança uma campanha de oração e jejum para evitar uma nova guerra; no Brasil, ele diz aos jovens que “façam barulho” e sejam revolucionários na busca de um mundo melhor e mais justo, ajuda o diálogo entre Israel e a Palestina, entre os Estados Unidos e Cuba; afirma que o primeiro problema da Igreja é a falta de trabalho dos jovens; que as confissões religiosas do mundo devem unir-se para resolver o problema da fome e da falta de educação...

A VR continua sendo autorreferencial, centrada em si mesma, preocupada com a escassez de vocações, o envelhecimento, as saídas de jovens..., ou preocupada sobretudo com os grandes desafios de nosso tempo? A VR deve levar muito a sério a opção pelos pobres da Igreja latino-americana e da Igreja universal. Isso implica revisar não só o nível de vida, senão também das missões, trabalhos e ministérios. Tem sentido continuar fazendo o que se fez sempre nas instituições próprias de saúde, educação, nas paróquias..., ou é preciso abrir-se a novos campos, como migrantes, mulheres maltratadas, desalojados, refugiados, crianças de rua, indígenas, trabalho social etc.? Já nos examinamos para ver se depois de longos anos educando as elites para que sejam “agentes de mudança social” nossos alunos transformaram a sociedade ou, antes, se instalaram nela?

5. *Sair à rua.* De uma Igreja encerrada em si mesma, relíquia do passado, com tendência a olhar-se no próprio umbigo, com sabor de estufa, que espera que os outros venham até ela... a uma Igreja que sai à rua, que passeia por ela a fé, que vai às margens sociais e existenciais, às fronteiras, aos que estão longe, mesmo com o risco de sofrer acidentes; não ter medo de ser uma Igreja minoritária e pequena, contanto que seja semente e fermento para os demais, que abra novos caminhos, que sirva sem medo, uma Igreja na intempérie, que sai às valetas do mundo, uma Igreja em estado de missão.

A VR não só deve ter as portas abertas para acolher a todos, senão que deve sair à rua, ser missionária, ir aonde a vida clama, anunciar o Reino com audácia, sem temor às feridas, ir às novas fronteiras, abrir-se ao mundo juvenil, às novas tecnologias, às novas culturas, aos movimentos femininos e ecológicos etc. Não tem de ter medo de ser uma pequena semente, grão de mostarda, levedura, mínima, contanto que seja evangélica e fermento de vida verdadeira.

6. *Diálogo.* De uma Igreja que discrimina os que pensam de modo diferente, os diversos, os outros... a uma Igreja do diálogo que respeita os que seguem a própria consciência, outras religiões, os ateus, os homossexuais, que dialoga com os não crentes, com os judeus, nossos irmãos mais velhos, que está atenta aos novos sinais dos tempos.

A VR não pode encerrar-se no conhecido e no de sempre, nem pode crer que tem a resposta para todas as perguntas, nem pode julgar os que são diferentes pela cultura, religião, orientação sexual. E isso vale tanto se olhamos para dentro, na vida comunitária, como para fora, na missão. A VR feminina vive sua dimensão feminina em plenitude ou está dependendo da VR masculina?

7. *Sem nostalgia do passado.* De uma Igreja com tendência restauracionista e de volta atrás, que tem saudades do passado... a uma Igreja que considera que o Vaticano II é irreversível, que é preciso implementar suas intuições sobre a colegialidade, que é preciso evitar o centralismo e o autoritarismo no governo da Igreja, caminhar em meio às diferenças. O mesmo título de Bispo de Roma é um referendo à colegialidade episcopal, à colegialidade com seus irmãos bispos. O papa reconhece que não tem resposta a todas as questões, que é preciso reformar o papado, que é preciso dar responsabilidade aos leigos, dar maior protagonismo à mulher, desclericalizar a Igreja, pois o clericalismo não é cristão.

A VR não pode ter nostalgia do passado, crer que o vivido nos séculos XIX e XX foi melhor do que o atual. Deve revisar suas instituições e ver se devem ser mantidas, ou antes, colaborar com outros, com outras congregações,

com leigos, com instituições civis etc. A VR masculina não se clericalizou e paroquializou excessivamente? São tempos novos, mudanças de época que afetam a cultura, a economia, a política e também a religião e, portanto, a VR. É preciso abrir-se aos novos sinais dos tempos, ao Espírito que é novidade. Não aconteceu isso com nossos fundadores e fundadoras?

8. *Cheirar a ovelha*. De uma Igreja com pastores encerrados em suas paróquias, clérigos de escritório, que procuram fazer carreira, que estão no laboratório, bispos sempre nos aeroportos, que acabam sendo colecionadores de antiguidades... a pastores que cheirem a ovelha, que caminhem na frente, atrás e no meio do povo; a Cúria Vaticana corre o risco de sofrer quinze doenças: sentir-se indispensável, excessiva laboriosidade, fossilização mental e espiritual, má coordenação, Alzheimer espiritual, rivalidade e vanglória, esquizofrenia existencial, fofocas e murmurações, carreirismo, indiferença para com os outros, cara de enterro, acumulação de bens, sentido de pertença ao grupo como mais importante do que a pertença eclesial, busca de poder e exibicionismo.

A VR, precisamente, por sair à rua, por ser missionária, deve evitar toda tentativa de servir-se dela para a própria promoção humana e social, deve acompanhar o povo, não buscar seguranças pessoais. As novas vocações devem saber que, ao entrar na VR, entram numa grande aventura profética onde são necessárias criatividade e imaginação, onde não existe garantia de segurança, como aconteceu no começo de todas as fundações religiosas. É preciso confiar na força e na novidade do Espírito. As quinze doenças da Cúria Vaticana não são doenças que afetam também a VR? Não se sente às vezes indispensável e superior aos demais, não cai no ativismo, no empobrecimento e na paralisia espiritual, rivalidade e vanglória, carreirismo, murmurações, tristeza, acumulação de bens, sentido de pertença grupal mais forte do que o de pertença à grande Igreja, busca do poder, exibicionismo...?

9. *Igreja alegre e jovem*. De um a Igreja envelhecida, triste, com gente com cara de defunto ou sorriso de aeromoça... a uma Igreja jovem e alegre, levedura e fermento na sociedade, com a alegria e a liberdade do Espírito, com luz e transparência, sem nada a esconder, com flores na janela e cheiro de lar, onde os jovens sejam protagonistas, pois são como suas meninas dos olhos.

A VR deve ser alegre, alegria que brota da experiência do Senhor, que é o fundamento do apostolado e da evangelização. É preciso evitar toda forma de pessimismo, amargura, desalento e desilusão. O testemunho de uma vida pessoal e comunitária alegre é o maior argumento para a atração das vocações. Esta alegria gera fecundidade e liberdade para deixar estruturas caducas que talvez tenham sido úteis em outros tempos. É preciso saber esperar o amanhã de Deus e que ninguém nos roube a esperança e a alegria.

10. *Casa e Povo de Deus*. De uma Igreja ONG piedosa, clerical, machista, monolítica, narcisista... a uma Igreja Casa e Povo de Deus, que respeite a diversidade, em que exerçam um papel relevante os leigos, as mulheres, as famílias. A Igreja de Aparecida, de discípulos e missionários, para que nossos povos tenham vida em Cristo, uma casa eclesial onde reine a alegria.

A VR deve sentir-se lar e parte do Povo de Deus, comunidade alternativa, mas dentro da grande Igreja, que caminha para o Reino, VR sacramento de Reino, mas em comunhão com as outras comunidades eclesiais, com a própria congregação, com as outras congregações, com leigos e presbíteros, com toda a humanidade; um caminho sinodal, em colaboração, com participação, disponibilidade, consenso, *koinonia*, como aconteceu na Igreja primitiva, como se experimentou no Concílio de Jerusalém, sempre sob o alento do Espírito que mantém a unidade na pluralidade e diversidade.

Conclusão: ir a Lampedusa

Lampedusa é uma pequena ilha italiana de 20 km² e só com 5.000 habitantes, situada no Mediterrâneo, a 205 km da Sicília e a 11 km de Túnis. Essa ilha árida e sem mais água que a da chuva, que vive da pesca, da agricultura e do turismo, tornou-se famosa por ser o porto de entrada na Europa de milhares de emigrantes indocumentados, procedentes da África e também do Oriente Médio e Ásia. Nas últimas décadas, perderam a vida na travessia umas 20 mil pessoas que se dirigiam a Lampedusa, em barcaças e botes, em busca de melhores condições de vida.

A essa ilha viajou o Papa Francisco no dia 8 de julho de 2013. Sua primeira viagem fora de Roma não foi a Nova York nem a Bruxelas, nem a Buenos Aires, e sim a Lampedusa, para lançar um grito de alerta mundial diante da tragédia dos imigrantes. O mar Mediterrâneo se converteu num cemitério de emigrantes.

Ali, Francisco não só reza pelos mortos e joga no mar uma coroa de flores amarelas e brancas em memória das vítimas, não só abraça os emigrantes africanos recém-chegados, como quer despertar a consciência de uma humanidade que, envolta – como numa bolha de sabão – na cultura do bem-estar, perdeu o sentido de responsabilidade fraterna e tornou-se incapaz de custodiar a natureza e de custodiar-nos uns aos outros.

Numa simples e comovedora celebração penitencial, Francisco pede perdão a Deus por nossa pouca sensibilidade e indiferença diante do sofrimento alheio.

Em sua homilia, Francisco afirma que estamos submergidos na globalidade da indiferença, temos o coração anestesiado e somos incapazes de chorar pela morte de nossos irmãos. Ninguém se sente responsável por essas mortes. Francisco repete as palavras bíblicas: “Caim, onde está teu irmão?”.

Essa viagem de Francisco a Lampedusa, seus gestos e palavras, não podem resumir e simbolizar o estilo de uma Igreja renovada pelo Espírito que vai para fora, dirige-se

preferencialmente aos pobres e a quantos sofrem, abre para eles suas portas de mãe, enquanto chama todos para deixar o egoísmo e viver como irmãos? Não destila o episódio de Lampedusa um forte cheiro de Evangelho? Essa viagem de Francisco não atualiza a imagem do bom pastor que vai à procura da ovelha perdida? A viagem a Lampedusa é como a parábola viva da Igreja – segundo o Papa Francisco, seu itinerário.

A VR, que nasceu no “deserto, periferia e fronteira”, não deveria hoje retomar o caminho significativo da Igreja do Papa Francisco e “ir a Lampedusa”, às diversas “Lampedusas de hoje”, com todo o significado místico, profético, nazareno, samaritano e evangélico que se encerra hoje nesta viagem simbólica?*

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. A Vida Religiosa Consagrada, teoricamente, sempre se fundamentou no Evangelho. Por que o papa, então, nos pede agora que voltemos ao Evangelho?
2. A VR feminina vive sua dimensão feminina em plenitude ou está dependendo da VR masculina?
3. Onde se encontram as diversas “Lampedusas de hoje?”

* Tradução: Ir. Vilma Moreira

Obstáculos e bloqueios no caminho da santidade da VRC

WILLIAM CESAR CASTILHO PEREIRA*

Escrevo este texto inspirando-me no filme *Homens e deuses*, de Xavier Beauvois,¹ que relata a história de um grupo de monges franceses que viveram a experiência da morte na mão de fundamentalistas islâmicos durante a guerra civil na Argélia na década de 1990.

Uma das questões que o filme discute é o limite entre o ideal de santidade e a fragilidade humana. No cotidiano do mosteiro, os monges viveram um processo humano intenso em busca de comunhão com Deus. A cada dia essa comunhão com Deus era confrontada com o medo, a vingança, a disputa de poder, dúvidas e incertezas da vocação, saudades de experiências amorosas na infância e juventude, sobretudo a intolerância entre os colegas religiosos.

O Cristianismo tem seu centro na afirmação que diz que devemos amar a todos igualmente e, conseqüentemente, a Deus. Esse ideal resume o que existe de melhor na civilização humana. O seu cultivo eleva a autoestima do ser humano através de construções fantásticas e de “concepções possíveis de perfeição”. Trata-se de uma relação de espelho, onde se contemplam o Criador e a criatura. Deus e o ser humano.

No início de nossa vida, a relação amorosa com a mãe não é altruísta: amo para submeter, para fazer do próximo (a mãe) espelho, coisa minha (coisificação), objeto de meu gozo. Puro narcisismo. Afinal, amar o outro como idêntico anula toda a alteridade. O amor cristão, por sua vez, é constituído da relação entre semelhantes, mas não entre idênticos. Essa é a ética do Cristianismo: a liberdade e a alteridade.

* **William C.C. Pereira** é psicólogo clínico, analista institucional, doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Autor de livros e artigos. Professor emérito da PUC Minas. Assessor do Celam (Conselho Episcopal Latino-Americano).

¹ *Homens e deuses (Des Hommes et des dieux)*. Direção: Xavier Beauvois. Suíça/França, 2010. Distribuição: Imovision. Site oficial: <<http://www.sonyclassics.com/ofgodsandmen>>.

Ora, podem ocorrer sérios obstáculos à santidade quando não se tem claro o limite entre o divino e o humano. O primeiro obstáculo à santidade é a santidade. Ou seja, todo aquele que ama a Deus e ao próximo sem se reconhecer e estabelecer um limite entre o eu e o outro corre sérios riscos de desintegrar-se e de dissolver-se. A santidade é uma relação do sujeito com Deus e pressupõe liberdade e alteridade. São essas duas virtudes que sustentam a ética cristã.

A vivência plena do ideal à santidade pode levar o ser humano a igualar-se a Deus. Tem razão o velho mito do paraíso perdido: a tentação satânica, que a todos nos acossa, é o desejo de “ser como Deus” (Gn 3,5).² A vaidade! Carro chefe dos sete pecados capitais. Há o risco de confundir Deus com os valores ideais da civilização ou de cada cultura – fundamentalismo. A exigência do ser humano de aproximar-se desses ideais não o transformaria num semideus? Não o levaria a investimentos autoeróticos em busca de uma imagem narcisista? O ser humano alterar-se-ia numa espécie de deus “protético”, ou seja, um deus substituto artificial de uma parte perdida ou que lhe falta?

Historicamente, o Cristianismo tem afirmado que a principal via de santidade é através da experiência de amor entre o sujeito e o seu semelhante. Essas experiências acontecem entre os familiares, junto aos colegas de trabalho, entre os cidadãos na cidade e com os religiosos entre si. Porém há controvérsias quanto à vivência desse ideal de santidade pela via do amor: “*Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento*”. E o segundo, semelhante a este, é: “*Amarás o teu próximo como a ti mesmo*” (Mt 19,19).

À primeira vista, poderemos expressar um sentimento de estranheza e surpresa diante da proposta de Jesus. Por que deveríamos fazer isso? Em que nos ajudaria? Principalmente, como levar isso a sério? Que recurso psíquico teríamos para viver isso plenamente? À primeira vista, poderíamos pensar assim: ora, nosso amor é algo precioso, que não podemos consumir irresponsavelmente com alguém que não nos ofereça a certeza da reciprocidade. Muitos diriam que

² As citações bíblicas de todo o texto têm como referência a *Bíblia Sagrada*, Edição Pastoral (São Paulo: Paulus, 2006).

se trata de um legado de fé, de um dever, uma ordem ou um ideal cultural que se me impõe com muito sacrifício. Uns acreditam que o amor deve ser dado a poucos porque, na realidade, a maior parte das pessoas não necessariamente merece amor. Vários afirmam que durante a maior parte de suas vidas foram abandonados e, portanto, o melhor é desqualificar a experiência de amor.

Dito isso, e dado que não é possível, no espaço e no escopo de interesse de que dispomos, direcionar essa reflexão apenas para o campo da possibilidade do amor, limito-me a analisar a questão no sentido dos obstáculos, dos bloqueios e das possibilidades à santidade na Vida Religiosa Consagrada à qual me refiro. A distância entre a imagem ideal de santidade e a real possibilidade humana do(a) religioso(a) aumenta proporcionalmente diante das regras, das leis, das imposições, das fantasias de perfeição, mas podem diminuir quando se aproxima de experiências humanas de tolerância, de misericórdia e de ternura.

A segunda dúvida de meu pensamento centra-se aqui em um questionamento: como viver essa missão do amor universal – experiência de Deus – por seres humanos, religiosos(as) tão frágeis?

O ideal não prevê nenhuma separação entre vida humana e vida com Deus. Ele exige uma fusão total, anulando, a todo momento, um ser humano, um(a) religioso(a). Radicalmente, homens e mulheres e a instituição da Vida Religiosa Consagrada têm uma causa a defender, e só existem porque existe a missão de “amar o próximo como a si mesmos”. Se pensarmos de forma absoluta, diríamos: “Se não creem mais, só lhes resta retirar-se, sentir-se profundamente frustrados, ou eternamente culpados”.

Ora, os(as) religiosos(as) vivem tensionados diante desse ideal e a realidade do cotidiano. São pessoas que fizeram a escolha de dedicar a própria vida para ajudar o próximo e, geralmente, iniciam com muita coragem esse sonho. Homens e mulheres consagrados que deixaram tudo para amar a Deus e ao próximo. Em certa altura de sua experiência, encontram-se esvaziados de energia amorosa, incapazes de

renovar as motivações e esperanças que tinham no começo. Assim, sucumbem diante do ideal de santidade. Perdem o ânimo, mostram-se abatidos ao extremo. Caminham nervosos e irritados. Muitos sobrevivem à custa de remédios. Terminam desanimados, desalentados e deprimidos. Só lhes restam a exclusão e a angústia do abandono.

Pesquisas realizadas por nós constataam essa cisão. Quando questionamos religiosos(as) sobre quais foram as motivações ou os desejos que os levaram a procurar a Vida Religiosa Consagrada, o primeiro conjunto de respostas concentrou-se em desejos de comunhão com Deus ou o sagrado, vinculadas(os) às imagens do amor ao próximo por excelência através da vida comunitária. As motivações também versaram em torno do altar, da cerimônia litúrgica, dos cantos, dos ritos e da construção da Igreja e de diferentes maneiras de viver a piedade popular através das festas dos santos. A força imaginária de vínculos entre Deus, o amor ao próximo, a vida comunitária e a forte carga emocional de devoções aos santos e aos ritos litúrgicos, aqui, estabelece forte ressonância com a vocação religiosa e a santidade. Eis o risco! Há mais vocação do que conversão a Jesus Cristo. Inflaciona o ideal de santidade e esvazia-se a busca humana de Deus.

Na origem da vocação, tem mais importância a representação que a pessoa faz de si como algo que merece aplauso, atraente e muito valioso, do que sua representação humana: dificuldades intelectuais, fragilidades afetivas/sexuais, frustrações, ressentimentos e mania de grandeza, de poder. Certa idealização da vocação vem precisamente da força de tal imaginário, que reinava onde as vocações despertaram. Ali, o sagrado se impunha fortemente. Trata-se do desejo de ajudar a comunidade, de fazer o bem e de servir ao próximo, aliado à identificação com os(as) religiosos(as), como se eles representassem uma possibilidade ou caminho para estar mais próximos de Deus e levar sua palavra ao povo. Segue uma série de expressões, recolhidas dos(as) entrevistados(as), no início da formação, que se fusionam ao amor a Deus e ao próximo:

- “Vida austera, simples, ajudar e estar próximo de Deus e do povo”;
- “O profundo desejo de realização pessoal no encontro com Deus. Sede do transcendente, de desejo de santidade e de amor ao próximo”;
- “Vida comunitária, carisma do(a) fundador(a). Consagração a Deus”;
- “A vontade de consagrar a minha vida a Deus; na inteira disponibilidade para amar e servir ao seu povo”.

Contraditoriamente, quando perguntamos quais as suas maiores decepções ou dificuldades em relação à Vida Religiosa Consagrada e ao ideal de santidade, as respostas tiveram um caminho inverso. Ou seja, observou-se um declínio acentuado do ideal para a frustração. Observamos relatos sobre dificuldades de relacionamento, principalmente entre os(as) coirmãos(ãs), que não se entrosam e são desunidos. Os(as) religiosos(as) relataram também dificuldades afetivas: insegurança, autoritarismo, competição, isolamento e decepção com os irmãos ou as irmãs:

- “Falta de entrosamento entre os(as) coirmãos(ãs)”;
- “Relacionamento ruim entre os colegas de uma mesma Casa religiosa. Mais ódio do que amor”;
- “Infelizmente, as máscaras predominam”;
- “A comunhão religiosa não existe”;
- “Vida humano-afetiva: autoritarismo e insegurança”;
- “Sobretudo, o grande problema é na questão administrativa, o dinheiro entre nós. Nunca vi o caixa comum entre nós”;
- “Acredito que minha grande dificuldade até o momento é ver a falta de unidade e respeito entre os(as) irmãs(ãs) e os(as) religiosos(as). Infelizmente, muitos vivem *status*, carreirismo e melhores cargos nos colégios, obras sociais, hospitais e paróquias”.

Os relatos descritos mostram sinais de agressividade, disputas avarentas e frustrações. O ideal de santidade desmorona

proporcionalmente como um prédio de vinte andares. Qual é a realidade que se esconde atrás disso, realidade que as pessoas gostam de negar? Ora, o ser humano não é uma criatura completa e ávida de amor. Mas, predominantemente, constitui-se de fantasias infantis e pueris. Há entre os seus dotes de bondade um forte sentimento de ira, de agressividade.³ Assim, conseqüentemente, o próximo não pode ser visto, ingenuamente, apenas como um ideal colaborador ou objeto de profundo amor. Há também um amigo íntimo convivendo com um rival perigoso dentro de cada Casa de religiosos(as).

Infelizmente, o próximo é também objeto de rivalidade, competição, humilhação, tortura e exploração erótica. A existência dessa inclinação à agressão, que podemos sentir em nós mesmos, é fator que perturba nossa relação com o próximo e desencadeia quadros de profunda depressão, desilusão e sofrimento psíquico. Não conhecer essa ambivalência dificulta tremendamente a experiência sadia com Deus.

Evidentemente, não é fácil, para os seres humanos, principalmente os(as) religiosos(as), renunciarem à gratificação de sua inclinação à agressividade. Por isso as instituições recorrem a tudo para pôr limites nos desejos agressivos entre os seres humanos. Há limites coercitivos, autoritários, militares, despóticos e hierárquicos. Há também propostas de estimular as pessoas a estabelecerem identificações e relações amorosas de um ideal de amar ao próximo como a si mesmo visando camuflar os nossos sete pecados capitais: soberba, inveja, ira, gula, luxúria, preguiça e avareza.

Uma terceira colocação de minha reflexão é a origem da motivação da busca de Deus. Frequentemente, várias pessoas procuram Deus com diversos conflitos inerentes à condição humana: dificuldades econômicas, baixa estima, crises de angústia e abandono, questões de caráter, crises quanto à identidade hetero ou homossexual, ambição de poder e prestígio. No início da experiência de Deus, as pessoas não percebem tais motivações. Recalam e reprimem os seus impulsos. Pretendem escapar deles mediante uma nova identidade de ideal de santidade. Mudam a maneira de

3 Vale a pena consultar a *Suma teológica* de Tomás de Aquino – Questões 1-70. Nesse texto, o autor analisa se a ira é uma paixão especial; se é objeto do bem ou do mal; se ela coexiste com a razão; a diferença entre a ira e o ódio; e, finalmente, se são capazes de ira só os seres capazes de justiça (*Suma teológica*. 2. ed. Porto Alegre, 1980).

vestir usando elegantemente o hábito religioso. Prolongam o tempo de suas orações, com a reza do terço, meditação do livro *Imitação de Cristo* e vias-sacras. Modificam os costumes da Casa com austeras disciplinas, tornando-a, cada vez mais, uma residência canônica. Praticam ascetes sacrificantes através de autoflagelo e rigorosa vida de abstinência e de jejum. Ou seja, anulam a si mesmas em busca de um novo propósito de vida que, sem dúvida, é alcançado com êxito no início da experiência. Com o tempo, o retorno dos impulsos inconscientes traz à tona e revela tudo aquilo que foi silenciado e rejeitado.

Ou, como sinaliza Morano:

Quando Deus se faz necessário, ele se converte num objeto de consumo, e daí, portanto, num objeto de destruição. O Deus necessário, o Deus evidente e óbvio, é um Deus confundido com suas mediações, assim como o bebê confunde sua mãe com o peito que o alimenta. Por outro lado, o Deus que brota não da necessidade, mas do desejo, não se deixa encerrar em nenhum tempo, em nenhum templo, em nenhum tipo de saber.⁴

A experiência de santidade, entretanto, não é pura. O sujeito orante pode arrastar, como contrabando, uma paixão amorosa, avassaladora, pela figura de Deus, enclausurando-a em torno de si mesmo, de forma regressiva e narcisista. Em nome de Deus podemos gerar a vida ou enormes equívocos e confusões. Talvez não exista relação mais ambivalente que a relação entre o crente e Deus. Em seu nome também se cometem terríveis atrocidades, atos perversos e atitudes doentes. Há amores destrutivos, que infantilizam e se constituem tampões para evitar o enfrentamento da realidade. Ou, pelo contrário, o desejo de Deus pode se constituir num elemento propulsor fundamental, visando à transformação do sujeito e ao seu contexto histórico.

É verdade que, até agora, esse empenho absoluto de ideal divino não vem alcançando resultados extraordinários de santidade. Provavelmente, esses ideais transformaram-se em fortes sistemas hierárquicos de poder e de dominação entre

4 MORANO, Carlos Dominguez. *Crer depois de Freud*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 108.

os humanos. Os(as) religiosos(as) esqueceram que a sua posição no mundo deve ser apenas um referencial ético, uma proposta humana de se viver. Não seria isso uma proposta de santidade? Dessa forma, concordamos com o teólogo espanhol Castillo:⁵

O plano de Deus não pode ser concretizado no projeto religioso ou sagrado de divinização, mas num projeto profano e laico de humanização. Deus não se encarnou no sagrado e seus privilégios, nem no religioso e seus poderes. Deus se mesclou com o humano. Portanto, encontramos Deus, sobretudo, no profano, no laico, no secular, no que é comum a todos os humanos, sejam quais forem suas crenças e suas tradições religiosas. Porque o determinante, para encontrar Deus, não é a fé, mas a ética, que se traduz em respeito, tolerância, estima e misericórdia.

Provavelmente, a organização da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada transformou a incompletude do ser humano numa “prótese divina” ao anular a condição humana. Essa atitude de tamponar a condição humana tem produzido desencanto e desilusão no exercício da Vida Comunitária Consagrada. A anulação da condição humana desenvolveu-se a partir de forte repressão das relações de afeto entre os(as) religiosos(as) e leigos cristãos. Sobre os grandes ideais elevaram-se fortes exigências morais. Ou seja, o mandamento “ama teu próximo como a ti mesmo”, quando é elevado a uma forte exigência, é a mais forte defesa contra as manifestações humanas e um belo modelo divino contra qualquer incompletude humana. Assim, temos uma formidável inflação de amor diante da miséria humana. O ideal de santidade, para Deus, é um ser humano vivo. Não uma pessoa torturada nem masoquista, que afunda a alegria de viver no pessimismo e na autopunição; ou num derrotismo vivencial que pretende oferecer a um deus sádico seus “sacrifícios”, suas mortificações, ideais de perfeição, a progressiva destruição da própria vida. Assim sinalizou o Papa Francisco à Cúria Romana:⁶

A doença da cara fúnebre. Quer dizer, das pessoas grosseiras e sisudas que pensam que, para ser sérias, é necessário assumir as

5 CASTILLO, José Maria. *La humanidad de Dios*. Equipo Atrio. Discurso de investidura como *Doctor Honoris Causa*. Universidad de Granada, Espanha. Disponível em: <<http://www.atrio.org/castillo-investidura>>. Acesso: dez. 2014.

6 *A íntegra do discurso de Francisco à Cúria Romana*. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2014/12/23/a-integra_do_discurso_de_francisco_a_curia_romana/1115744>. Acesso: dez. 2014.

426

feições de melancolia, de severidade, e tratar os outros, principalmente os que consideram inferiores, com rigidez, dureza e arrogância. Na realidade, a severidade teatral e o pessimismo estéril são muitas vezes sintomas de medo e de insegurança. Inflacionamos a moral e diminuímos a ética e o amor.

Novamente recorremos a Castillo:⁷

427

importa como. O discurso capitalista pós-moderno faz crer que o gozo, reduzido ao máximo de prazer possível, não deve ser interdito. Deve ser vivido “além do princípio do prazer”, mesmo que promova uma satisfação alucinatória, estranha e paradoxal. Pois o destino do gozo puro é sempre sustentado pela cultura de morte. É a transcendência efêmera: rápida, imediata, pragmática e fluida.

Já a dimensão política, ética e humana que a Vida Religiosa Consagrada pode oferecer é uma canalização para o escoamento do gozo. A interdição do “mais além do gozo” marca o limite, acentuando o prazer como sinônimo de desejo. O desejo é o prazer possível. Uma satisfação substitutiva para a satisfação alucinatória do gozo. O desejo é uma potencialidade encarnada na cultura de vida, de ética e da alteridade. O outro é o limite para que se visibilize o desejo.

É como um ovo de pássaro, repleto de provisão de alimento, ao qual a mãe apenas transmite o calor. Haverá um momento em que ocorrerá um movimento do mundo externo, que significará, exatamente, viver. Tal movimento são as dimensões culturais da política, da ética, da estética da Vida Religiosa Consagrada, as quais, somadas às substâncias contidas no ovo, geram a potencialidade do desejo, a cultura de vida, o encanto com Deus encarnado no próximo.

A vida à santidade é uma elaboração teológica e psicossocial que sinaliza (sacramento) o mistério do amor de Deus, e anuncia a transparência escatológica do seu Reino. “Nós não temos aqui a nossa pátria definitiva, mas buscamos a pátria futura” (Hb 13,14). Essa é a dimensão utópica, transcendental, que deve ser acoplada ao seu complemento, o da práxis humana, com todas as suas dificuldades, obstáculos e impossibilidades: *homens e mulheres em busca de Deus*.

A Vida Religiosa Consagrada tem apresentado sinais vitoriosos no campo da ética e dos valores humanos na sociedade; poderá ser derrotada; talvez seja no futuro. Não é grave. Os irmãos e as irmãs que a realizam são uma parte do todo vivente da experiência de Deus que sempre renascerá das cinzas. Ela será sempre um reservatório de esperança nesse mundo.

Referências bibliográficas

- AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. 2. ed. Porto Alegre, 1980.
- A *ÍNTEGRA do discurso de Francisco à Cúria Romana*. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2014/12/23/a_integra_do_discurso_de_francisco_à_cúria_romana/1115744>. Acesso: dez. 2014.
- BÍBLIA SAGRADA*. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2006.
- CASTILLO, José Maria. *La humanidad de Dios*. Equipo Atrio. Discurso de investidura como *Doctor Honoris Causa*. Universidad de Granada, Espanha. Disponível em: <<http://www.atrio.org/castillo-investidura>>. Acesso: dez. 2014.
- HOMENS E DEUSES (Des Hommes et des Dieux)*. Direção: Xavier Beauvois. Suíça/França, 2010. Distribuição: Imovision. Site oficial: <<http://www.sonyclassics.com/ofgodsandmen>>.
- MORANO, Carlos Dominguez. *Crer depois de Freud*. São Paulo: Loyola, 2003.
- PEREIRA, William Cesar Castilho. *Nas trilhas do trabalho comunitário e social*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *O sofrimento psíquico dos presbíteros; dor institucional*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. O que é ser santo(a)? É possível ser santo(a) sem aceitar-se inteiramente humano?
2. Como viver a missão do amor universal – experiência de Deus – por seres humanos, religiosos(as) tão frágeis?
3. Quais são os obstáculos e bloqueios no caminho da santidade?

Ano da Vida Consagrada em vista de ousadas decisões evangélicas

IR. CECILIA TADA, CMST*

“Os consagrados são um povo tornado livre pela profissão dos conselhos do Evangelho, disposto a olhar na fé para além do presente, convidado a alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós.”
(“Perscrutai”, n. 11)

* **Irmã Cecilia Tada**, membro da Congregação das Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Teresa do Menino Jesus. Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma e doutora em Teologia da Vida Consagrada pelo Instituto de Teologia de Vida Consagrada – Claretianum, junto à Pontifícia Universidade Lateranense de Roma. É autora de diversos livros.

1 As duas cartas são “Alegrai-vos” e “Perscrutai”. Talvez que, quando este artigo for publicado, em junho, provavelmente a CIVCSVA já nos terá dirigido uma terceira carta. Ou mais.

2 “Alegrai-vos”, n. 1.

3 “Perscrutai”, n. 10.

Vivemos o Ano da Vida Consagrada. Foram-nos dirigidas já duas cartas pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica (CIVCSVA).¹ É interessante observar o teor do convite: “[...] convida-nos a refletir sobre o tempo de graça que nos é dado viver”.²

Não deixar passar a graça significa acolher o magistério. Todas as duas cartas insistem fortemente na necessidade de renovar a vida segundo o Evangelho pelo confronto leal entre Evangelho e Vida, e sinalizam o caráter profético da Vida Religiosa Consagrada (VRC) nestes termos:

Papa Francisco convida a acolher o hoje de Deus e as suas *novidades*, convida-nos às “surpresas de Deus” na fidelidade, sem medo nem resistências, para ser profetas que testemunhem como Jesus é vivido nesta terra, que anunciem como o Reino de Deus será na sua perfeição. Um religioso nunca deve renunciar à sua profecia.³

Um tempo de graça e provocar uma verdadeira renovação na Vida Religiosa é a expectativa. Portanto, um ano que deve ir muito mais além de leituras, aprofundamentos e bons propósitos.

O que se espera ao final de um ano de reflexão pessoal e institucional como explicitado na primeira carta é que “ousadas decisões evangélicas venham a ser postuladas e se produzam frutos de renovação e de fecunda alegria”.⁴ Isto significa que verdadeiras conversões devem incidir na Vida Consagrada a partir das interpelações que o dicastério faz, motivado pelo Papa Francisco.

No nosso imaginário, podemos visualizar o cenário de mobilização planificada em que todos os(as) consagrados(as), em atitude orante, estarão rogando ao Espírito Santo “inspiração para o caminho de profecia e de exploração dos novos horizontes da Vida Consagrada”.⁵

Durante anos os consagrados refletiram sobre “refundação” da Vida Consagrada. Muitas reflexões e estudos em torno deste assunto marcaram o período. Esta é a hora – o “tempo de graça” – após cinquenta anos do Concílio Vaticano II, como evocado nas cartas circulares. É o próprio magistério a insistir sobre os passos a serem dados pelos institutos de Vida Consagrada para se obter uma revitalização urgente e necessária a fim de continuar sendo “sinais de Deus” na sociedade “hoje”.

As expressões “a Vida Consagrada atravessa um vau”⁶ e “a atual fraqueza da Vida Consagrada”⁷ – expressões das cartas –, tocam profundamente os membros dos institutos para uma mudança radical que exige o Evangelho. As cartas não poderiam ser mais claras e diretas ao tocar a realidade da Vida Consagrada distanciada do Evangelho e de suas exigências, permitindo, assim, avaliar a densidade da ausência de transparência do mesmo na vida, no estilo e no modo de ser dos consagrados.⁸ A carta é “um convite a renunciarmos às argumentações institucionais e às justificações pessoais; uma palavra provocadora que questiona o nosso viver, por vezes entorpecido e sonolento, e com frequência indiferente ao desafio: “Se tivésseis fé como um grão de mostarda (Lc 17,5)”⁹ Ou ainda: “Lutemos contra os olhos pesados de sono (cf. Lc 9,32)”,¹⁰ que “jamais nos deixemos sobrecarregar pelo sono da infidelidade”.¹¹

4 Ibid., n. 5.

5 Ibid., n. 6.

6 Ibid., n. 11.

7 Ibid., n. 16.

8 “Perscrutai”, n. 9.

9 “Alegrai-vos”, n. 4.

10 “Perscrutai”, n. 7.

11 Ibid., n. 11.

Será uma grande pena se “o tempo de graça” for mais uma vez adiado, como em outras ocasiões, pois o apelo que fazem as duas cartas se contrapõe ao ritmo da maioria de nossas comunidades, onde as religiosas, sobretudo, não têm tempo para “outras coisas”, mesmo que importantes, devido aos múltiplos e variados tipos de atividades que desenvolvem, *pari passu* com a sociedade, absorvidas pelo mundo da competição, da produção e dos resultados imediatos.

Diz-se que vivemos não uma época de mudanças, mas mudança de época. Os sinais da mudança são descritos nas cartas: crise de sentido do homem moderno; crise econômica e moral da sociedade ocidental e das suas instituições; cultura marcada pelo desencontro, pela fragmentação, pelo utilitarismo. O estilo de vida dos(as) consagrados(as) parece já não corresponder aos desafios impostos pela sociedade hodierna.

Diante dos desafios que a sociedade impõe, a Vida Consagrada é chamada a prestar atenção para o seu caráter testemunhal como sinal da Igreja, sobretudo pela radicalidade no seguimento de Cristo, por sua missão evangelizadora capaz de encarnar o Evangelho na história dos homens com paresia e criatividade.¹² Será um processo longo, não fácil, às vezes doloroso, e que o magistério da Igreja encoraja para que se deflagre.

A primeira carta, no número 11, diz: “Somos chamados então, como Igreja, a sair para ir às periferias geográficas, urbanas e existenciais – as do mistério do pecado, da dor, das injustiças, da miséria –, aos lugares recônditos da alma, onde cada pessoa experimenta a alegria e o sofrimento do viver”.

Para isso as congregações religiosas são convocadas a despojarem-se

de qualquer ação que não é para Deus, que não é de Deus; do medo de abrir as portas para ir ao encontro de todos, sobretudo dos mais pobres, dos necessitados, dos distantes, sem esperar; certamente, não para se perder no naufrágio do mundo, mas para levar com coragem a luz de Cristo, a luz do Evangelho, também à escuridão, onde não se vê, onde pode acontecer que se tropece; despojar-se da tranquilidade aparente que as estruturas oferecem, estruturas certamente necessárias e importantes, mas que nunca devem obscurecer a única verdadeira força que a Igreja tem em si: Deus. Ele é a nossa força!

12 Ibid.

O convite é para

não ter medo da novidade que o Espírito Santo faz em nós, não ter medo da renovação das estruturas. A Igreja é livre. O Espírito Santo a conduz. É o que Jesus nos ensina no Evangelho: a liberdade necessária para encontrar sempre a novidade do Evangelho na nossa vida e também nas estruturas. Nesse contexto vem lembrado o Evangelho de Marcos 2,22: “vinho novo em odres novos”. Não fiquemos enclachados na nostalgia de estruturas e costumes que já não são fontes de vida no mundo atual.

As cartas indicam alguns pontos relevantes, descrevendo-lhes a situação de carência e indicando as urgências, ou seja, saídas ou pistas de ação.

FORMAR PARA O EVANGELHO ¹³	
CARÊNCIA	URGÊNCIAS
<ul style="list-style-type: none"> • A formação espiritual, muito frequentemente limitada quase a simples acompanhamentos psicológicos ou a exercícios de piedade padronizados, tem caráter de urgência. • A rica variedade das vias seguidas e propostas pelos autores espirituais permanece quase desconhecida para leitura direta, ou é referida apenas por fragmentos. • A pobreza repetitiva de conteúdos vagos bloqueia os candidatos em níveis de amadurecimento humano infantil e dependente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar uma revisão específica do paradigma formativo que acompanha os consagrados e especialmente as consagradas no caminho para a vida. • Favorecer para todos(as) os(as) consagrados(as) um conhecimento fundado e coerente da fé cristã, sustentado por um novo amor ao estudo, em particular para as mulheres consagradas. • A debilidade e a fragilidade de que sofre este âmbito exigem que se reforce e relembre a necessidade da formação contínua para uma vida autêntica no Espírito, para manter-se abertos mentalmente e coerentes no caminho de crescimento e de fidelidade.

13 Ibid., n. 9.

DISCERNIMENTO	
CARÊNCIA	URGÊNCIAS
<ul style="list-style-type: none"> • A Vida Consagrada vive um tempo de passagens exigentes e de necessidades novas. Quais terras estamos habitando e quais horizontes nos é dado perscrutar?¹⁴. • Corremos o risco de conservar “memórias” sacralizadas que tornam menos ágil a saída da caverna das nossas seguranças. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pede que se deixe aquilo que se conhece e se emprenda um percurso longo e nada fácil.¹⁵ • Somos chamados a uma obediência comum que se faz fé no presente para prosseguir juntos com “a coragem de lançar as redes na força da sua palavra (cf. Lc 5,5) e não de motivações humanas apenas”. • A Vida Consagrada, alimentada para a esperança da promessa, é chamada a prosseguir a caminhada sem deixar-se condicionar por aquilo que se deixa para trás. • Abrem-se diante da nossa caminhada novas fronteiras, realidades novas, outras culturas, necessidades diversas, periferias.
LIDERANÇA ¹⁶	
CARÊNCIA	URGÊNCIAS
<ul style="list-style-type: none"> • “Exortamos a uma liderança que não deixe as coisas como estão, que afaste “a tentação de deixar tudo de lado e de considerar inútil todo e qualquer esforço para melhorar uma situação. Perfila-se, então, o perigo de se criarem administradores da rotina, resignados à mediocridade, inibidos para intervir, privados de coragem de apontar as metas da autêntica Vida Consagrada e correndo o risco de enfraquecer o amor das origens e o desejo de testemunhá-lo”. 	<ul style="list-style-type: none"> • “Convidamos quem é chamado a tal serviço a exercê-lo em obediência ao Espírito, com coragem e constância, a fim de que a complexidade e a transição sejam geridas e o passo não seja atrasado ou parado.” • Somos chamados a um serviço de autoridade que oriente com clareza evangélica o caminho a fazer juntos e na unidade de coração, dentro de um presente frágil, no qual o futuro vive a sua gestação.

14 Ibid., n. 10.

15 Ibid., n. 11.

16 Ibid., n. 12.

FRATERNIDADE ¹⁷	
CARÊNCIA	URGÊNCIAS
<ul style="list-style-type: none"> • Percebe-se uma defasagem entre vida cotidiana e a fraternidade como “espaço teologal” onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado. • Às vezes, as comunidades religiosas são imbuídas por tensões, com o risco do individualismo e da dispersão. • Mesmo entre pessoas consagradas se dá espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, a desejos de impor as próprias ideias a todo custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas. Quem queremos evangelizar com tais comportamentos? 	<ul style="list-style-type: none"> • Somos convidados a passar da forma de vida em comum para a graça da fraternidade; • da forma <i>communis</i> para a relationalidade humana; • aberta para a complementaridade do encontro na convivência das diferenças; • feita de acolhimento, respeito, ajuda recíproca, compreensão, amabilidade, perdão e alegria; • que acolhe o limite de todos e o leva no coração e na oração como ferida infligida ao mandamento do amor (cf. Jo 13,31-35).
TEMPO E “LUGAR DO EVANGELHO”	
CARÊNCIA	URGÊNCIAS
<ul style="list-style-type: none"> • Tornamo-nos “lugar do Evangelho” quando garantimos para nós e a favor de todos o espaço do cuidado de Deus, impedimos que o tempo todo seja cheios de coisas, de atividades, de palavras. • Às vezes, as comunidades religiosas são imbuídas por tensões, com o risco do individualismo e da dispersão. 	<ul style="list-style-type: none"> • Somos lugares de Evangelho quando somos mulheres e homens de desejo à espera de um encontro, de uma reunião, de uma relação. Por isso é essencial que os nossos ritmos de vida, os ambientes das nossas fraternidades, todas as nossas atividades se tornem espaço de custódia de uma “ausência”, que é presença de Deus. • São necessárias comunicação profunda e relações autênticas.

17 Ibid., n. 13.

CARISMA NAS ENCRUZILHADAS DO MUNDO ¹⁸	
CARÊNCIA	URGÊNCIAS
<ul style="list-style-type: none"> • Corre-se o risco de atribuir às vias do Espírito os nossos mapas já traçados anteriormente, porque a repetição dos caminhos nos tranquiliza. • “O carisma não é uma garrafa de água destilada. É preciso vivê-lo com energia, relendo-o também culturalmente.” • Quem se detém na autorreferencialidade frequentemente tem imagem e conhecimento apenas de si mesmo e do seu horizonte. 	<ul style="list-style-type: none"> • Somos “convidados a armar ágeis tendas nas encruzilhadas das veredas não batidas, a ficar no limiar, como o Profeta Elias”. • “Uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação.” • “Não perder nunca o ímpeto de caminhar pelos caminhos do mundo, a consciência de que caminhar, andar também com passo incerto ou mancando, é sempre melhor do que estar parado, fechado em suas perguntas ou nas suas seguranças.” • A experiência dos pobres, o diálogo inter-religioso e intercultural, a complementaridade homem-mulher, a ecologia num mundo doente, a eugénica sem freios, a economia globalizada, a comunicação planetária, a linguagem simbólica são os novos horizontes hermenêuticos.

Mudança, transformação, conversão

Vigiar, progredir, abrir-se às novidades são três facetas da interpelação feita pelas cartas em nome da obediência para “entrar em ‘outra’ ordem de valores, captar um sentido novo e diferente da realidade”.

Os percursos novos da fé brotam hoje em lugares humildes, no signo de uma Palavra que, se for ouvida e vivida, leva à redenção. Os institutos de Vida Consagrada e as sociedades de Vida Apostólica que realizam escolhas a partir dos pequenos sinais interpretativos na fé e na profecia que sabe intuir o além tornam-se lugar de vida, onde resplandece a luz e soa o convite que chama outros a seguir a Cristo.¹⁹

As cartas propõem elementos fundamentais para análise e revisão de vida dos membros e de seus institutos de Vida Consagrada com forte encorajamento para as necessárias mudanças. Mãos à obra!

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Diz-se que vivemos não uma época de mudanças, mas mudança de época. Quais são os sinais de que estamos em mudança de época?
2. Nem sempre as crises são nocivas. É ocasião de reviver. Que benefícios pode a VRC encontrar nesta fase crítica?
3. Como imaginar a VRC após superar a crise?

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A revista *Convergência* recebe colaboração espontânea



ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 125,00 (para o Brasil)
- R\$ 175,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <crbnacional.org.br>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 1230-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br
ou pelo telefone **(61) 3226-5540**
ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).